Na casa que vivo

um olhar sobre o impacto do home office em tempos de pandemia

Fernanda Kelly de O. dos Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Fernanda Kelly de Oliveira dos Santos

Na casa que vivo

Um olhar sobre o impacto do home office em tempos de pandemia.

Recife

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Na casa que vivo:

Um olhar sobre o impacto do home office em tempos de pandemia.

Fernanda Kelly de Oliveira dos Santos

Monografia apresentada como parte integrante dos requisitos exigidos para a obtenção da graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profª. Dr. Dayse Luckwü Martins

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Santos, Fernanda Kelly de Oliveira dos.
Na casa que vivo: Um olhar sobre o impacto do home office em tempos de pandemia. / Fernanda Kelly de Oliveira dos Santos. - Recife, 2023.
76 : il., tab.

Orientador(a): Dayse Luckwü Martins
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo - Bacharelado, 2023.
Inclui referências, apêndices.

1. Subjetividade. 2. Casa . 3. Home office. 4. Pandemia. 5. Covid-19. I. Luckwü Martins, Dayse. (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

FERNANDA KELLY DE OLIVEIRA DOS SANTOS

Na casa que vivo: Um olhar sobre o impacto do home office em tempos de pandemia.

TCC apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: 20/04/2023

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Dayse Luckwü Martins (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Norma Lacerda Gonçalves (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dr. Iana Ludermir Bernardino (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Thaís dos Santos Vieira Gabi de Macedo (Examinador Externo)

“Por meio de nossas *Casas*, é possível desaprender, reaprender, recomeçar, reinventar. É possível derramar-se, disseminar-se.”

Maria Aparecida Lopes Nogueira (2007, p.82)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por todo o suporte e amparo nessa longa jornada da graduação e na vida.

A minha família por todos os puxões de orelha e os consolos depois de uma madrugada chorando e fazendo projeto, com isso à: Maria dos Milagres, minha mãe, Fernando Assis, meu pai e a Sheylla Cristiane, minha irmã e melhor amiga.

Ao meu companheiro, Guilherme Dias, por seu cuidado, carinho e incentivo especialmente nesse final da graduação, que com suas palavras me motivaram a não desistir e terminar esse ciclo.

Agradeço às minhas tias: Tia Nanda, uma das maiores incentivadoras da minha vida escolar e acadêmica; e a Tia Andréia, que sempre me mostrou que eu sou capaz de ser uma excelente profissional.

Agradeço aos meus amigos arquitetos “VIP’s” - Vindos do Interior de Pernambuco - por todos os momentos vividos, pelas alegrias e aperreios compartilhados nesses anos da graduação, dentro e fora da faculdade, são pessoas que quero levar para toda a vida. Assim, obrigada a Clara, Danrlei, Eloisa, Elton, Larissa, Lilian, Mozart, Poliana, Sandra e Thalyta.

Agradeço também a minha amiga arquiteta Yara, com quem sempre pude contar e que pretendo levar essa amizade além do curso de arquitetura. As arquitetas e amigas Carine e Rafhaella, por todo os conselhos e mensagens de apoio nessa etapa final da graduação. As minhas amigas Clara, Neila e Nívea, por suas amizades, apoios e incentivos.

Em especial, agradeço à minha orientadora, Dayse Luckwü, por todo incentivo e disponibilidade, por cada conversa e questionamentos essenciais na construção deste trabalho. Com suas palavras eu me sentia cada vez mais calma para seguir em frente, muito obrigada!

Resumo

O inesperado aparecimento do vírus da Covid-19, no final do ano de 2019, ocasionou graves problemas respiratórios na população mundial, como consequência do seu alto nível de contágio. Assim, medidas foram tomadas para retardar o seu avanço, mesmo sem grandes estudos sobre o vírus, e uma dessas medidas foi o de isolamento social por parte da população, onde inicialmente só atividades essenciais seriam mantidas funcionando. O tempo foi passando e o isolamento que antes seria algo provisório, acabou fazendo parte da rotina da casa. A edificação que antes servia apenas como local de descanso e refúgio, passou a abrigar outras atividades que antes eram feitas fora do ambiente domiciliar, como o lazer e o trabalho. Dessa forma, este presente estudo tem como **objetivo** analisar como o espaço da casa passou a atender às novas demandas que surgiram a partir da pandemia e do isolamento social, com foco na atividade do trabalho, onde buscamos identificar quais mudanças foram feitas para inserir esse novo uso. Com o intuito de delimitar o **público-alvo** da pesquisa, foi escolhido um grupo de professores do ensino fundamental - os quais a pesquisadora tem mais proximidade - facilitando a realização da pesquisa. Como **metodologia**, a pesquisa tem caráter exploratório, com aplicação de questionário e análise de algumas casas dos entrevistados, no intuito de entender mais a fundo como aconteceram a adaptação da arquitetura para inserção do trabalho. E por fim, o **resultado** alcançado da pesquisa foi o entendimento de que para atender a essas novas demandas, os entrevistados precisavam reinventar suas residências para o home office, mudando suas rotinas, hábitos e de convívio com outros habitantes da casa.

Palavra chave: home office, pandemia, isolamento social, subjetividade, casa.

Abstract

The unexpected appearance of the Covid-19 virus, at the end of 2019, caused serious respiratory problems in the world's population, as a result of its high level of contagion. Thus, measures were taken to delay its advance, even without major studies on the virus, and one of these measures was social isolation by the population, where initially only essential activities would be kept running. Time passed and the isolation that used to be something temporary ended up being part of the house routine. The building that previously served only as a place of rest and refuge, now houses other activities that were previously done outside the home environment, such as leisure and work. In this way, this present study aims to analyze how the space of the house began to meet the new demands that emerged from the pandemic and social isolation, focusing on work activity, where we seek to identify which changes were made to insert this new use. In order to delimit the target audience of the research, a group of elementary school teachers was chosen - to whom the researcher is closer - facilitating the research. As a methodology, the research has an exploratory character, with the application of a questionnaire and analysis of some of the interviewees' houses, in order to understand more deeply how the adaptation of the architecture for insertion of the work took place. And finally, the result achieved from the research was the understanding that to meet these new demands, respondents needed to reinvent their homes for the home office, changing their routines, habits and interaction with other inhabitants of the house.

Keywords: home office, pandemic, social isolation, subjectivity, home.

Lista de siglas

CNS Conselho Nacional de Saúde

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS Organização Mundial de Saúde

PNAD Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

Lista de Figuras

Figura 01 - Diagrama sobre o entendimento da arquitetura, segundo Amorim (2007).
Figura 02 - Diagrama ilustrando os quatro tipos de habitar, segundo Norberg-Schulz (1985).
Figura 03 - Ilustração da casa camponesa típica da Idade Média.
Figura 04 - Perfil geral dos entrevistados.
Figura 05 - Perfil do trabalho dos professores.
Figura 06 - Tópicos abordados nas entrevistas.
Figura 07 - Gráfico sobre a existência de um espaço reservado para o home office antes da pandemia.
Figura 08 - Gráfico com espaços citados pelos professores que foram utilizados para o home office.
Figura 09 - Planta esquemática da espacialidade do home office na casa do professor Davi.
Figura 10 - Planta esquemática da espacialidade do home office na casa do professor Fábio.
Figura 11 - Planta esquemática da espacialidade do home office na casa da professora Marta.
Figura 12 - Planta esquemática da espacialidade do home office na casa do professor Antônio.
Figura 13 - Foto da área de home office no quarto de Mônica
Figura 14 - Montagem de imagens reproduzidas pela professora Luísa, mostrando a realização do “bingo dos brinquedos”.

Figura 15 - Montagem de imagens reproduzidas pela professora Gisele, mostrando a realização das atividades feitas no período da pandemia.
Figura 16 - Planta esquemática da espacialidade do home office na casa da professora Jéssica.
Figura 17 - Montagem com os registros da mudança que ocorreu na cozinha da professora Luísa.
Figura 18 - Foto que mostra a permanência do home office na sala de Jéssica no pós-pandemia.
Figura 19 - Foto da área de home office no quarto de Maria.
Figura 20 - Foto da área de home office no escritório de Fábio.
Figura 21 - Foto da área de home office no quarto de Davi.
Figura 22 - Foto da área de home office no quarto de Ingrid.
Figura 23 - Foto representativa do espaço onde ficava no período da pandemia o “quartel de combate” a COVID-19 na casa do professor Davi.
Figura 24 - Foto da sapateira do lado de fora do apartamento de Marta.

Sumário

Introdução ……..……12

1. Fundamentação teórica - Covid-19 e a casa ……..……17

1.1 Covid-19...……17

1.2 Valores subjetivos da casa……21

1.2.1 Abrigo……24

1.2.2 Intimidade e privacidade……25

1.2.3 Home office……...27

2. Metodologia……..…32

2.1 Público……..…32

2.2 Etapas Metodológicas……...…34

2.2.1 Entrevista……..34

2.2.2 Fotografia……..36

2.3 Análise e processamento de dados……36

2.3.1 Entrevista……..36

2.3.2 Fotografia……..37

3. A casa na pandemia……...41

3.1 Sobre a casa: aspectos sobre o abrigo, intimidade e privacidade……41

3.2 Sobre o trabalho na casa: o home office e a espacialidade na casa……44

3.3 Sobre as mudanças: o que ficou no pós pandemia?……55

3.4 Sobre os achados da pesquisa……62

4. Considerações finais……65

Referências bibliográficas……68

Apêndice.....73

Introdução

Introdução

Com a repentina chegada do vírus da Covid-19 no ano de 2020, uma crise sanitária global foi instaurada. Não havia dados sobre sua origem e formas de evitar o contágio da população, que a cada dia que se passava, mais pessoas eram contaminadas com o vírus. Com a Declaração de Emergência em Saúde Pública e Importância Internacional feita pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Brasil, recomendou a implantação de medidas de distanciamento social mais restritivo, buscando desacelerar a disseminação do coronavírus e evitar o colapso do Sistema de Saúde. (CNS, 2020)

Logo, foi implantada a suspensão total de atividades não essenciais gerando o isolamento da população em suas casas sendo uma tentativa de conter o contágio do coronavírus (CNS, 2020). O que inicialmente foi pensado ser uma medida de poucos dias de lockdown, se arrastou em dias e meses de isolamento, assim, foi necessário a adaptação urgente a esse novo cenário de pandemia global, isolamento social e por fim, uma mudança total de hábitos e rotinas por parte da população.

O indivíduo voltou-se para sua casa, que passou de refúgio do dia a dia, ao único local onde seria realizado todas as suas atividades, que antes eram feitas fora da sua casa, como por exemplo, suas atividades laborais, suas atividades de lazer e de socialização com os outros indivíduos, que nesse momento visitavam sua casa através das telas de celulares e computadores. A habitação precisou se adaptar a esses diversos usos, se ajustando a esse novo contexto imposto por um problema de natureza sanitária e pandêmica.

Segundo Amorim (2007), se observarmos o cenário geral sobre o conjunto de edificações construídas até então pelo homem, nos é revelado a variedade de características distintas e formas de distribuição dos espaços na arquitetura. Ainda segundo o autor, forma e espaço são duas dimensões na arquitetura que, mesmo parecendo que são relacionadas, são independentes entre si, assim, essa independência oferece à arquitetura a possibilidade de ajustar seus espaços em diferentes contextos que a vida humana enfrenta.

Para Cordeiro (2015), o espaço não é formado apenas por objetos materiais, mas também por uma “dimensão subjetiva, produzida por fluxos imateriais que constituem igualmente esse espaço numa relação de troca” (CORDEIRO, 2015, p. 19). E é a partir da atribuição de valores e significação aos espaços, que o transforma em um lugar, sendo este um núcleo de valor, podendo ser totalmente entendido a partir de uma experiência total contento relações íntimas, próprias e externas. (TUAN, apud CORDEIRO, 2015, p.20)

Ainda segundo o autor, para compreender os aspectos subjetivos da casa é fundamental o entendimento sobre a relação entre as dimensões física/materiais e subjetivas/sensíveis da questão. Desta forma, a casa não é somente constituída por sua forma, volume e dimensões, e sim pela junção desses aspectos com elementos imateriais e subjetivos como as sensibilidades, valores, costumes e crenças. (CORDEIRO, 2015)

Visto o contexto apresentado, de pandemia global e readaptação da casa aos novos usos a ela inseridos, passa-se a refletir sobre o tema, que para o âmbito da arquitetura e urbanismo, representa uma fonte de pesquisa sobre como a vida das pessoas foram impactadas através dessas mudanças de contexto social, espacial e subjetivo no relacionamento com a casa. Desta maneira, este trabalho é justificado através da sua atualidade e relevância do assunto abordado.

O estudo visa o entendimento dos impactos que o período de isolamento social, associado ao home office, influenciou na relação entre indivíduo e casa, na compreensão de como os aspectos físicos e subjetivos influenciaram na adaptação a uma nova realidade, em contextos bastante diversos, sendo eles: familiares, econômicos e sociais.

O presente estudo se passa no período do ano de 2020 ao presente momento - período “pós relaxamento” das restrições de proteção ao vírus. Como público-alvo da pesquisa, diante de todas as profissões que tiveram a possibilidade de trabalhar em casa, foi escolhido realizar a pesquisa com profissionais da educação, sendo estes, professores do ensino fundamental, conforme será apresentado com mais detalhes no capítulo 2 sobre a metodologia.

Portanto, o trabalho tem como objetivo geral analisar como o espaço da casa desses profissionais passou a atender o trabalho a partir do isolamento social devido à pandemia da Covid-19. Como objetivos específicos temos:

- Analisar a partir da vivência dos entrevistados as mudanças espaciais para a inserção do home office;
- Identificar as mudanças na rotina da casa com o novo uso do home office;
- Discutir subjetivamente o impacto que essas mudanças representaram para percepção de casa das pessoas;
- Identificar quais mudanças permaneceram no dia a dia da casa mesmo depois da pandemia.

Diante desses objetivos, estruturou-se três capítulos:

Capítulo 01: Referencial teórico - Covid-19 e a casa

Neste primeiro capítulo foi apresentado um panorama da pandemia da Covid-19 e seus impactos na vida das pessoas e da casa. Buscou-se explorar e compreender o conceito de habitar e os valores subjetivos da casa, sendo eles: abrigo, privacidade e intimidade, e a relação com o home office, a partir de referências como Amorim (2007), Bachelard (2008), Cordeiro (2015), Leitão (2007) e Melo (2021).

Capítulo 02: Metodologia

Foi abordado neste capítulo os procedimentos de estudo e os métodos utilizados para análise dos resultados do trabalho, explicando o porquê da escolha do público-alvo e os tópicos abordados nas entrevistas. Além disso, foi descrita as etapas metodológicas das entrevistas e fotografias, e como se deu a análise de cada um desses instrumentos de pesquisa. Isso tudo tendo como referência a metodologia de Minayo (2001), Santos (2020), Souza (2019) e Ana Maria Mauad (1996).

Capítulo 03: A casa na pandemia

Neste último capítulo foi feita a análise e interpretação dos dados coletados nas entrevistas com os professores, comparando as suas falas com os valores subjetivos

apresentados anteriormente. O capítulo foi dividido em duas partes, sendo a primeira voltada a compreender a relação dos entrevistados com a casa e os valores de abrigo, intimidade e privacidade. A segunda parte buscou compreender a inserção do home office, seus impactos e a espacialidade do mesmo em algumas das casas dos entrevistados.

Por fim, apresenta-se as considerações finais do trabalho.

1. Fundamentação teórica

1. Fundamentação teórica - Covid-19 e a casa

1.1 Covid-19

Sem uma origem exatamente definida, o vírus Sars-cov-2, popularmente conhecido como vírus da Covid-19, vem provocando na população mundial graves problemas respiratórios, que podem ocasionar em uma síndrome respiratória aguda grave e levar a morte da pessoa infectada com o vírus. Desde o dia 31 de dezembro de 2019, a OMS foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na província de Hubai na China. (SOUZA, 2020)

Com o intuito de melhorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade internacional para cessar a propagação do vírus, em 30 de janeiro de 2020, a OMS estabeleceu uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, sendo este o mais alto nível de alerta da Organização, previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Logo depois, em 11 de março de 2020, a OMS caracteriza a Covid-19 como uma pandemia, reconhecendo assim, que haviam vários surtos da doença em diversos países e regiões do mundo. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020)

Segundo Nogueira (2020), o vírus da Covid-19 possui um alto nível de contágio, sendo transmitido principalmente por meio de gotículas respiratórias contaminadas com o vírus, através de espirros ou tosses, ou até mesmo o compartilhamento de objetos pessoais não higienizados corretamente. Sendo assim, as recomendações para evitar o contágio são as seguintes: a frequente higienização das mãos com sabão ou solução desinfetante, o uso de álcool gel 70%, o uso de máscaras e/ou protetores faciais e evitar aglomerações.

Visto o cenário mundial, antes da chegada do vírus ao Brasil, segundo Souza *et al* (2020) no “dia 3 de fevereiro de 2020, por meio da Portaria MS nº 188, o Ministério da Saúde do Brasil, declarou Emergência de Saúde Pública e Interesse Nacional (ESPIN).” Nessa mesma portaria ocorreu a criação do Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública (COE-COVID-19), como instância de gestão em âmbito nacional, sob a responsabilidade da Secretaria de Vigilância em Saúde. Nesse contexto, foi formulado um sistema de vigilância para registro de casos e óbitos de Covid-19, sendo esse sistema utilizado como base de dados para

análises epidemiológicas do entendimento da dinâmica da transmissão do vírus na população brasileira. (SOUZA *et al*, 2020)

Apesar disso, o governo brasileiro, representado pelo Poder Executivo Federal, teve um posicionamento similar a outros países, que inicialmente, negaram o risco apresentado pela pandemia, não participando da cooperação internacional recomendada pela OMS. Tal posição adotada de “negacionismo” por parte do governo, repercutiu com que o protagonismo nas medidas de enfrentamento e combate a propagação da Covid-19 partisse diretamente dos Estados, Municípios e Distrito Federal (SOUZA *et al*, 2021).

Desta forma:

> O estabelecimento de medidas de âmbito local se dá, inclusive, por meio da organização de ações de natureza cooperativa, a exemplo da iniciativa do Consórcio Nordeste, que reúne os governadores dos nove estados da região em torno do objetivo de desenvolvimento sustentável. No contexto da pandemia, o Consórcio Nordeste criou um Comitê Científico de Combate ao Coronavírus (C4), para orientar as ações nesse sentido. Além do papel de levantar, analisar e monitorar dados e informações, com base no que se traçam as estratégias de combate à Covid-19, o C4 recomendou a criação de Brigadas Especiais de Saúde, responsáveis pela atuação de proximidade (nos Municípios, nos bairros, nas residências) para a prevenção do contágio e o tratamento das pessoas (SOUZA et al, 2021, p.844).

Assim, a chegada do vírus ao Brasil demorou cerca de 2 meses depois do primeiro caso de infecção registrada no mundo. No dia 26 de fevereiro de 2020, foi confirmado o primeiro caso de Covid-19, em um homem maior de 60 anos, que acabara de chegar de viagem à Itália. Nesta época, muito se questionava sobre o cancelamento do carnaval, a maior festa popular nacional, como prevenção do contágio do vírus na população. Mas o primeiro caso veio e não teve nenhuma relação com a festa. Segundo Junior (2020):

> [...] o carnaval, a princípio, não poderia ser considerado a causa da chegada da doença no Brasil e ela se comportava como uma doença de elite, circulando nos bairros mais nobres a partir de pessoas que tinham retornado ao Brasil da Europa e Ásia ou tiveram contato direto com tais pessoas. Eram aqueles que retornavam de viagens para o exterior que faziam o número de infectados subir (JUNIOR, 2020, p.84) [...]

O número de casos confirmados com o vírus ia aumentando cada vez mais e com poucos estudos científicos sobre como fazer a prevenção do contágio, não

havia certeza de qual seria a melhor forma de contenção. A Covid-19 não escolheu raça, cor, gênero ou faixa etária, toda a população poderia ser alvo dessa doença devastadora (SOUZA, 2020). Além disso, setores como a economia, educação e a oferta de infraestrutura de qualidade para a população ficaram ainda mais fragilizados para o Brasil e alguns outros países que já sofriam com esses setores (XAVIER, 2022).

A população mundial passou a viver em um dito “novo normal”, onde diversos problemas apareceram na adequação a essa nova realidade, e no Brasil, como citado por Xavier (2022):

> [...] as precárias condições de habitabilidade de grande parte da população em situação de pobreza estão diretamente relacionadas aos indicadores de saúde, já que as doenças, não em sua origem, mas em sua propagação, encontram espaços férteis onde há problemas de infraestrutura e de saneamento ambiental, já que 84,72% da população do país vive em zonas urbanas (PNAD,2015); sendo que de uma a cada três pessoas residem em municípios com mais de 500 mil habitantes, o que totaliza um percentual de 31,7% (IBGE, 2019) [...] (XAVIER, 2022, p.14)

À vista disso, nas diferentes realidades do país, algumas das medidas de prevenção do contágio do vírus adotadas pelos Estados, não resolviam o problema e agravavam ainda mais a desigualdade socioespacial (SOUZA *et al*, 2021). Em decorrência da falta de infraestrutura urbana e serviços que garantissem melhores condições de habitabilidade para a população, o momento exigia medidas que diminuíssem os riscos à vida, porém o que se via, eram medidas descontextualizadas as condições de vida, renda, trabalho de uma considerável parcela da população, tornando impraticáveis as medidas impostas pelos Estados (XAVIER, 2022). Grupos de comunidades quilombolas, povos indígenas e populações ribeirinhas, também foram atingidos pelo Covid-19, sendo a taxa de letalidade nessa população, superior à média nacional (G1, apud XAVIER, 2022).

Segundo Ribeiro (apud XAVIER, 2022) na primeira quinzena do mês de abril de 2020, aproximadamente 30 mil casos foram confirmados e quase 2 mil mortes registradas em todo o país. Meses depois, em outubro do mesmo ano, quatro estados do país lideravam a curva de infecção, sendo eles: São Paulo, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. (RIBEIRO, apud XAVIER, 2022, p. 13)

Logo após os dois primeiros casos importados notificados no dia 12 de março 2020, o estado de Pernambuco publicou o primeiro decreto de lei que constava a proibição de eventos com mais de 50 pessoas, em seguida outros decretos foram lançados com medidas mais rígidas de enfrentamento ao vírus, anunciando o fechamento do comércio não essencial e obras de construção civil. Sendo assim, seguiram abertos os estabelecimentos de supermercados, mercadinhos, padarias, farmácias, postos de gasolina, casas de ração animal e depósitos de água mineral e gás, além de obras e serviços essenciais como hospitais, abastecimento de água, gás, energia e internet. Em seu pronunciamento, o governador Paulo Câmara afirmou: “precisamos que o maior número possível de pessoas fique em casa para que tenhamos o mínimo de contato social” (COVID-19 2020).

No dia 25 do mesmo mês, foi registrada a primeira morte no estado de Pernambuco, na capital do estado. Um homem de 85 anos, diabético, hipertenso e com cardiopatia isquêmica, sem histórico de viagem para fora do país, sendo a 49° morte registrada no país, a primeira no estado e do Nordeste (FOLHA DE PERNAMBUCO, 2020). Com o aumento de casos no estado, cada vez mais era incentivado o isolamento social por parte da população, sendo proibido até a utilização de áreas públicas, como calçadões das praias e dos parques para atividades de lazer, caminhadas e ciclismo (GOVERNO, 2020).

O isolamento social resultou em um confinamento por parte da população, o qual ocasionou a necessidade de adaptação da casa para acomodar todas as atividades que começaram a ser realizadas dentro dela, como o trabalho, estudo, lazer, refeições e exercícios físicos. A atividade do trabalho remoto, home office, vinha com certo crescimento em algumas empresas e com isso, algumas casas já estavam adaptadas a esse uso. Porém, com a pandemia, houve uma necessidade por parte das empresas em adotar esse tipo de modalidade para garantir o seu funcionamento.

Por consequência, foi agregado à casa uma nova experiência espacial, por toda essa adaptação ao novo contexto, inserindo novos valores subjetivos relacionados à casa, como será discutido no próximo tópico.

1.2 Valores subjetivos da casa

Segundo Amorim (2007), a arquitetura pode ser dividida em dois aspectos, sendo o primeiro como casa, com suas formas arquitetônicas e seus vazios, e em eventos, a forma como as pessoas ocupam e interagem no interior desta casa, “seja para o desenvolvimento das atividades, seja para circular”. Esses dois aspectos são intrínsecos à arquitetura e formam uma unidade que compõem “finitas sequências de espaços que oferecem oportunidades para a emergência de finitos eventos”(AMORIM, 2007, p.87), ou seja, a junção desses dois formam as diversas possibilidades que o espaço pode adquirir de acordo com o seu contexto (Figura 01).

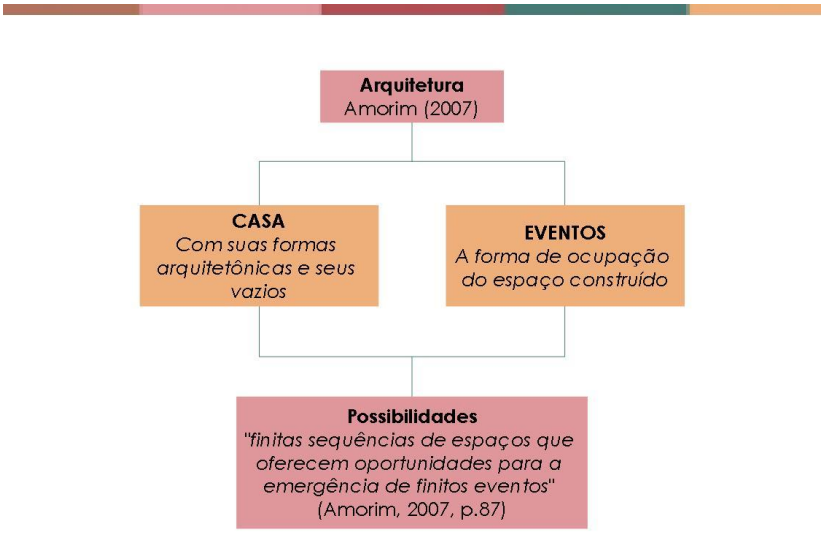

Figura 01: Diagrama sobre o entendimento da arquitetura, segundo Amorim (2007).
Fonte: Autoria própria, 2023.

Dessa maneira, “as pessoas vivem seus cotidianos imersos na arquitetura que os abriga, participando de eventos programados [...] ou não programados” (AMORIM, 2007, p. 87). E é a partir do cotidiano que a percepção de casa é construída no indivíduo, com o acúmulo de experiências vividas nesse espaço que permite identificar a estrutura espacial em seu interior. E como complementa Amorim:

> [...] essa dimensão física é agente ativo na construção do cada dia de nossas casas, de nossas vidas e de formas de narrá-las. portanto, a arquitetura, ou a casa, não é um cenário passivo que assiste ao desenrolar

> das nossas vidas e o enquadra, mas é co-autora de todas as possíveis experiências vivíveis e narráveis (AMORIM, 2007, p. 89)

Nas edificações ocorrem variações na organização espacial interna, onde a forma e espaço, por mais que tenham ligação, há uma certa independência de cada uma das partes, o que possibilita ajustes “às diferentes circunstâncias que a vida humana apresenta, oferecendo múltiplas construções sintáticas e semânticas” (AMORIM, 2007, p.89). É na casa que a vida se desdobra, onde o sujeito constrói seu abrigo para atender suas necessidades, e “a arquitetura estabelece os limites de sua ocupação e seus movimentos, construindo um campo de possíveis encontros narráveis” (Amorim, 2007, p.103).

Podemos atribuir diversos significados para a casa, entre elas, termos como os de “local de habitação, residência domiciliar, morada ou lar” (MELO, 2021). Entre esses termos, aqui vamos discorrer sobre a casa como local de habitar, onde Melo (2021) atribui a compreensão de permanência do humano no espaço habitável, sendo a ideia do habitar como prática universal inerente à condição humana. Para complementar essa interpretação, Heidegger (apud CAMARGO, 2007, p. 21) em sua análise do conceito de habitar, sinaliza como a “maneira como os homens fazem seu caminho desde o nascimento até a morte, sobre a Terra, sob o céu”, sendo este caminhar no “aspecto fundamental da habitação, enquanto permanência humana entre o céu e a terra, entre o nascimento e a morte, entre a alegria e a dor, entre a obra e palavra”.

Nesse sentido, Pallasma (2011) afirma que:

> O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão: por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental. (PALLASMA, 2011, p. 50 apud MELO, 2021, p.29)

Posto isso, Norberg-Schulz (apud CAMARGO, 2007) afirma que há quatros modos inter-relacionados de habitar, sendo eles: o **habitar natural**, o que resulta da “domesticação do meio natural”, no sentido de desbravamento do lugar na busca por uma base sólida para o habitar, e a partir desta fase de desbravamento é que ocorreriam os outros modos de habitar. O segundo é o **habitar coletivo**, estruturado sendo o lugar de experimentações e vivências, “um lugar de descobertas, uma

miríade de possibiliades". Já o **habitar público** é constituído no estabelecimento de acordos com o objetivo de que valores partilhados sejam acolhidos e expressados e é necessário um lugar onde isso possa ocorrer, sendo esse espaço um edifício público ou uma instituição. Por último, o **habitar doméstico** "pode ser sintetizado como a experiência cotidiana de se estar em um lugar, rodeado de proteção, resguardado, em paz; livre, em sua essência, de qualquer ameaça contra essa paz" (CAMARGO, 2007, p.23). Os quatro modos de habitar podem ser resumidos na imagem a seguir:

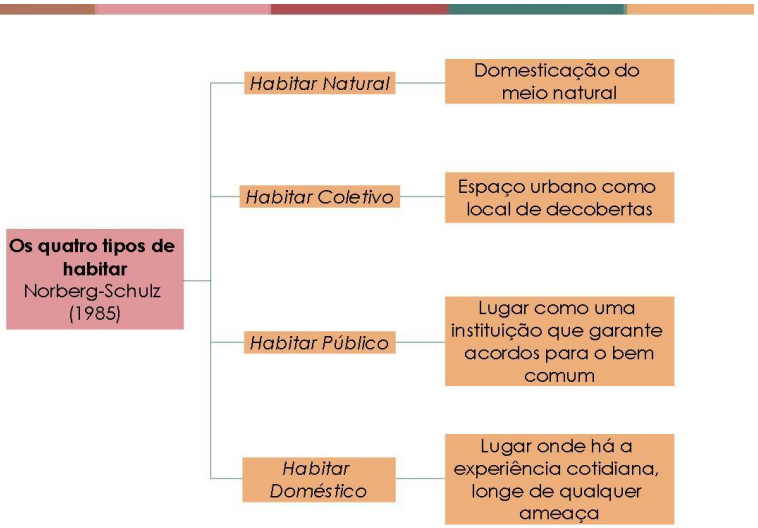

Figura 02: Diagrama ilustrando os quatro tipos de habitar, segundo Norberg-Schulz (1985).
Fonte: Autoria própria, 2023.

Com base em tudo o que foi apresentado sobre o habitar e a relação do habitante com o espaço e as funções que esse espaço tem em sua essência, a casa também contém valores que estão presentes na experiência de habitar, sendo esses valores definidos por Leitão (2007), ao afirmar que "a casa possibilita, real ou ilusoriamente, voltar, entrar, rememorar, permanecer, aprender, amar, proteger-se, entre outras tantas experiências do habitar" (LEITÃO, 2007, p.68). Com base nisso, Santos (2020) identifica que Leitão (2007) expressa os seguintes valores subjetivos à casa: memória, abrigo, intimidade e bem-estar. Para o presente trabalho, Leitão (2007) guiará nosso entendimento dos próximos tópicos deste capítulo. Baseado nisso foi estabelecido os seguintes valores a serem aprofundados: abrigo, intimidade e privacidade, e home office. Este último valor acerca do home office foi

acrescentado para o entendimento da relação da casa com o trabalho, tema principal da pesquisa.

1.2.1 Abrigo

Segundo Bachelard (1993), o maior proveito da casa para o habitante seria a sua função de proteção e abrigo, algo que já está tão aprofundamento enraizado no inconsciente do ser, pois “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (BACHELARD, 1993, p.201). E complementa em seu texto:

> Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa (BACHELARD, 1993, p.201).

Logo, entende-se a casa como local de recolhimento do ser, para sua proteção e segurança, e segundo Santos (2020) estas características compõem o valor de *abrigo*. E como complementa Leitão (2007):

> [...] da caverna aos nossos dias, o espaço da arquitetura é o espaço de abrigo, do acolhimento, do amparo, da proteção [...] o espaço da arquitetura se faz para acolher, abrigar, para confortar - no sentido de oferecer um ambiente confortável -, para proteger não apenas da hostilidades ambientais, sua face mais visível, mas também em sua dimensão simbólica do desamparo que marca o humano frente à experiência de existir (LEITÃO, 2007, p.56).

Leitão (2007) afirma que “a arquitetura é fundamentalmente a experiência das cavidades, da vida que tem lugar no acolhimento do espaço interno” (LEITÃO, 2007, p.60), e afirma que cada cavidade tem sua função, sendo elas de “segurança, receptividade, proteção e nutrição” (LEITÃO, 2007, p.57), a cavidade seria este espaço arquitetônico que abriga o seu habitante por completo, o seu físico e sua psique, sendo a casa um local de abrigo também para sua alma. (Leitão, 2007)

As paredes que constituem o espaço arquitetônico da casa é de extrema importância para o habitante “imaginar-se uma existência não ameaçada [...] a casa

é, simbolicamente, um castelo, uma fortaleza, um lugar de defesa contra as agressões externas como um local de descanso e prazer” (MIGUEL, 2002).

Este senso de abrigo também está relacionado ao habitante se projetar nesse espaço, que atende suas necessidades e lhe abriga, sendo um local que “integra memórias, imagens, passado e presente, sendo um complexo de ritos pessoais e rotinas quotidianas que constitui o reflexo de seus habitantes, aí incluídos seus sonhos, esperança e dramas” (MIGUEL, 2002).

1.2.2 Intimidade e privacidade

O senso de intimidade nem sempre existiu na casa, segundo Rybczynski (1996) na Idade Média não havia esse significado, uma vez que:

> [...] o que importava era o mundo exterior e o seu lugar nele. A vida era uma questão pública, e assim como as pessoas não tinham uma forte consciência de si, elas também não tinham um quarto próprio (RYBCZYNSKI, 1996 p. 48).

Por toda a Europa a casa nessa época consistia em um grande vão, sem divisões dos cômodos, com coabitação com os animais de criação e os indesejados, poucos mobiliários pela casa - por causa do seu alto custo - e o único esboço de privacidade nesta casa era a inserção de cortinas em volta da cama, mas que nelas dormiam de duas a oito pessoas. (GUSMÃO, 2020)

Como relata Rybczynski (1996):

> As casas eram cheias de gente, muito mais do que hoje em dia, e não se conhecia a privacidade. Além disso, os cômodos não tinham funções específicas; ao meio-dia, o atril era retirado e as pessoas sentavam-se à mesa e faziam refeição. No fim da tarde, a mesa era desmontada e o banco logo virava um sofá. À noite, o que era sala de estar virava quarto de dormir. (RYBCZYNSKI, 1996, p. 32)

Desta forma, é possível compreender ainda mais essa casa da Idade Média pela figura abaixo:

Figura 03: Ilustração da casa camponesa típica da Idade Média

Fonte: Gusmão (2020).

Nesse momento a casa era apenas um local de rápida estadia, como relata Gusmão (2020):

> Fica mais fácil entender a moradia medieval se levarmos em conta que os homens da época passavam muito pouco tempo em casa. Os pobres trabalhavam do nascer ao pôr do sol, e os nobres viajavam a maior parte do tempo. A vida era levada ao ar livre, e a residência, tanto a choupana do camponês quanto o castelo do senhor feudal, não passava de um dormitório ou um providencial refúgio contra as intempéries ou o frio do inverno. (GUSMÃO, 2020, p.5)

O entendimento de espaço privado só foi estabelecido anos depois, a partir da Era Burguesa que se conquista o senso de domesticidade (LUCAKS apud SANTOS, 2020) onde o conceito de lar foi criando forma (GUSMÃO, 2020), sendo um “conjunto de emoções sentidas, e não um único atributo. [...] relacionada à família, à intimidade, à devoção ao lar, assim como a sensação de casa como incorporadora - e não somente abrigo - desses sentimentos” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 85 apud SANTOS, 2020, p. 16)

Com o valor de intimidade também estabelecido, atrelado ao senso de privacidade, ele fornece uma característica essencial a casa, visto que o habitante a "transforma em algo próprio e pessoal [...] a casa pode ser vista como um microcosmo privado sempre em confronto com um setor público (MIGUEL, 2002).” “Afinal, o espaço de morar, especialmente quando visto como arquitetura, é mais facilmente percebido como o lugar do indivíduo, do íntimo, do singular. É ela, a casa,

a unidade espacial básica que o fazer arquitetônico produz” (LEITÃO, 2014, p.45). E como resume Bachelard (1993): “Pois a casa é nosso canto no mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo” (BACHELARD, 1993, p.200).

1.2.3 Home office

A estratégia do home office não foi exclusividade da pandemia, é um sistema que já existia bem antes desse acontecimento, já que “o trabalho remoto vinha em crescimento nas empresas e algumas casas já estavam adaptadas para isso. No entanto, a pandemia acelerou a tendência do home office” (COLDIBELI, 2020).

No período da pandemia, a admissão do home office foi estabelecida de forma repentina e sem o devido preparo para sua realização. O trabalho virou parte da rotina da casa, ficando muitas vezes em sobreposição com outras atividades diárias, principalmente de natureza doméstica (SOUZA, 2020). Assis (2020 apud SOUZA, 2020) exemplifica a precarização do home office na pandemia:

> A falta do convívio entre os colegas, o que proporciona a troca de ideias e experiências e acaba contribuindo no trabalho, agregando no todo as ideias de cada um [...] Há, ainda, a deficiência nos equipamentos e na capacidade da internet, que dificilmente é igual à estrutura oferecida nas empresas [...] Outra desvantagem é a sobrecarga nos ombros das mulheres. Com os filhos em casa, sem aulas, e sem a possibilidade de pedir ajuda aos avós - crianças [podem ser] assintomáticas e podem transmitir o vírus para adultos e os mais velhos -, sobra para as mães a maior parte das tarefas (ASSIS, 2020, p. 212-213 apud SOUZA, 2020, p 6-7)

Uma outra questão que está relacionada com essa precarização do trabalho seria a “uberização” do mesmo, sendo um processo que foi notado por Slee (2017 apud SOUZA, 2020), a partir da empresa de motorista de aplicativo Uber. É um processo que não se prende a uma empresa ou serviço, mas a trabalhadores que cedem seus esforços, na busca por uma oportunidade de trabalho ou apenas no desejo de empreender, e nesta busca, entram na teia de empresas detentoras da tecnologia, que conecta consumidor ao trabalhador de aplicativo, que como Souza (2020) completa:

> [...] mascara a sua responsabilidade trabalhista e fiscal e, por outro, pode trazer ao trabalhador a sensação de que ele autogere o seu trabalho, quando na verdade se eleva a exploração, agravada pela ausência de garantias trabalhistas (SOUZA, 2020, p.6)

No contexto da pandemia, com as medidas de distanciamento e isolamento social, foi imposto pelo governo o fechamento de setores da economia. À vista disso as pessoas permaneceram em suas casas, sendo estas palco de atividades que antes eram realizadas em outros espaços.

Na busca desta adaptação ao novo contexto estabelecido, diversos setores adotaram o sistema de home office, realizado na casa do trabalhador, e com essa nova modalidade algumas dificuldades foram surgindo com sua adaptação, já que nem todos estavam preparados, tanto no contexto psicoemocional, quanto na estrutura de suas casas. (SOUZA, 2020)

Logo, o contato com a cidade foi cortado, o local, que segundo Bollnow (1969, apud CAMARGO, 2007), vamos para experimentar novas experiências no “mundo vasto”, e vivenciar essa alternância entre a casa e o mundo exterior, seria a “dinâmica fundamental para a vida humana”. Tal como nesse período de pandemia não havia mais o contato com esse lugar onde pertencemos apenas temporariamente - o mundo exterior - havia somente a casa, o local de abrigo e intimidade que agora se torna um local de trabalho, o home office, adotando este valor subjetivo a casa.

O único contato com o mundo exterior se deu através das telas, e segundo Beiguelman (2020) em seu texto *Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana*, houve a transformação das pessoas em “registros visuais”, por causa do formato de vídeo que se tornou comum no dia a dia. As telas nos mostraram o interior das casas de pessoas que até então eram inacessíveis, como médicos, políticos, economistas, jornalistas e atores, que ao serem chamados para darem entrevistas, nos mostrando um recorte daquele seu universo particular (BEIGUELMAN, 2020).

A partir disso, Beiguelman (2020) através da observação do que era mostrado nas telas, faz uma “pequena etnografia da imagem da intimidade do Brasil” (BEIGUELMAN, 2020, p.14) descrevendo o que cada um desses profissionais mostravam:

> *Médicos*, por exemplo, optam muitas vezes por transmitir suas imagens em ambientes neutros, de paredes brancas e armários embutidos [...] *Intelectuais e acadêmicos das ciências humanas* gravam em geral na frente de seus livros, muito embora alguns cariocas, que têm o privilégio de viver em frente à praia, prefiram se posicionar na sala de estar, próximos às janelas. Já os *cientistas* falam entre livros e fichários empilhados no escritório, como se estivessem em plena pesquisa, vasculhando referências e confrontando pesquisas e journals. *Políticos* têm padrões mais variados [...] os que falam num lugar com o qual não têm vínculos, como o apartamento de um flat ou hotel, espaço de transitoriedade por excelência [...]. *Economistas* sentam-se em cadeiras altas, como se presidissem o mundo. Nos seus "lugares de entrevista" também são comuns os livros, com grande quantidade de edições encadernadas com capa dura [...]. Não são raras em suas casas as estantes de tipo armário, com portas envidraçadas [...] (BEIGUELMAN, 2020, p. 14 e 15, grifo nosso).

Como podemos ver, Beiguelman (2020) descreve o que cada um desses profissionais se preocupavam com o que estava sendo transmitido através de suas telas, a posição da câmera, o ambiente em que eram feitas as chamadas de vídeo, os móveis e a decoração que estava aparecendo. E essa foi uma das preocupações que o home office inseriu na rotina, a busca por um cenário que melhor transmitisse esse ambiente de trabalho dentro de casa. Dessa forma:

> Todos os ideais de um segmento da classe média, o dos profissionais liberais, aparecem nesses cenários domésticos, organizados em torno de peças que remetem a certo status educacional e cultural. Por isso não são fortuitos nem as estantes de livro como "objetos de cena" (mesmo que sejam apenas livros de coleção, como no caso de um jornalista), nem o posicionamento da webcam, de modo a "compor" a imagem da pessoa com os quadros e outros objetos de arte da decoração (BEIGUELMAN, 2020, p. 17).

Mesmo com todo esse cuidado de criar os melhores cenários para representar uma boa imagem do que estava sendo transmitido, o convívio com o outro morador da habitação poderia gerar situações embaraçosas e um tanto quanto engraçadas. Foi o que aconteceu na live do apresentador Fábio Porchat com o deputado Guilherme Boulos, onde na tentativa de passar despercebida pela câmera, a esposa de Porchat surge agachada, só de toalha na cabeça, ao sair do banho (ESPOSA, 2020).

Enquanto uns buscavam pelo cenário perfeito de suas casas para as chamadas de vídeo, outros nem ligavam a câmera e o motivo poderia variar, poderia ser por não querer se expor ou por querer fazer outra atividade enquanto se estava na chamada. Visto isso, também ocorreram situações em que as pessoas não se davam conta que a câmera estava ligada, como no ocorrido em uma videoconferência com o ex-presidente Bolsonaro, onde um dos participantes da reunião apareceu tomando banho durante a chamada (MURARO, 2020).

2. Metodologia

2. Metodologia

Quanto à estruturação da pesquisa, o tipo de abordagem metodológica utilizada foi a Pesquisa Qualitativa (MINAYO, 2001) de caráter exploratório, por meio de uma entrevista semi-estruturada, possibilitando ao entrevistado a livre abordagem do tema, a partir de perguntas norteadoras (APÊNDICE B - Questionário de entrevista). Além disso, a estratégia utilizada foi a modalidade história de vida tópica, que segundo Minayo (2001) tem como objetivo retratar as experiências vividas por pessoas, grupos ou organizações, tendo como foco uma determinada etapa ou setor da experiência em questão.

2.1 Público

A pesquisa qualitativa tem como objetivo o entendimento da mudança de rotina e inserção do novo uso do home office no contexto da casa, assim, ela pretende ser um caminho para o entendimento dos valores subjetivos da casa apresentados anteriormente para melhor compreensão do tema do trabalho. Desta forma, considerou-se de extrema importância ouvir os professores, protagonistas nesta pesquisa.

Dentre o do universo de profissionais que passaram a trabalhar em home office, foi identificado pela pesquisadora através da proximidade por um grupo de profissionais da área da educação, professores do ensino fundamental. Essa proximidade se deu através de pessoas conhecidas, amigos, familiares e vizinhos que de certa forma ao longo do período da pandemia, a pesquisadora partilhou, não necessariamente dentro de casa, a experiência que esses profissionais vivenciaram no período de isolamento social.

Por meio desse contato, foi observado como esses profissionais tiveram que adaptar seus espaços e também suas práticas profissionais para se adaptarem ao novo contexto inserido. Diante disso, vale ressaltar que mesmo dentro dessa categoria de profissionais é possível ver diferenças em suas adaptações profissionais, visto que as demandas de um professor de ensino superior são diferente das demandas de um professor de ensino fundamental, além de quê um professor de ensino fundamental que ensina a matéria de história, é diferente da

demanda que um professor de ensino fundamental que ensina a matéria de educação física.

É certo que para cada realização de aulas dos professores, eles tiveram que fazer experimentações, estudos, adaptações e reorganizações sobre a rotina da aula convencional, que antes era feita no ambiente próprio da sala de aula e que atendia a todas as suas demandas. E todo esse novo trabalho de bastidores e tempo de experimentação, é muito mais complexo do que o tempo de aula, onde tudo já foi sistematizado para chegar ao momento da aula em si. Então, muitas vezes o professor teve que adaptar sua casa para suprir a falta de elementos, que antes eram oferecidos no ambiente escolar, para poder de fato chegar ao momento da aula.

A amostra de participantes foi constituída por um total de 11 pessoas, selecionadas de acordo com os seguintes critérios: professores do ensino fundamental I ou II que exerceram sua profissão no período de isolamento social ; habitantes na Região Metropolitana do Recife (RMR), PE; professores que trabalharam em home office no período da pandemia. Desta forma, os professores entrevistados tinham as seguintes características:

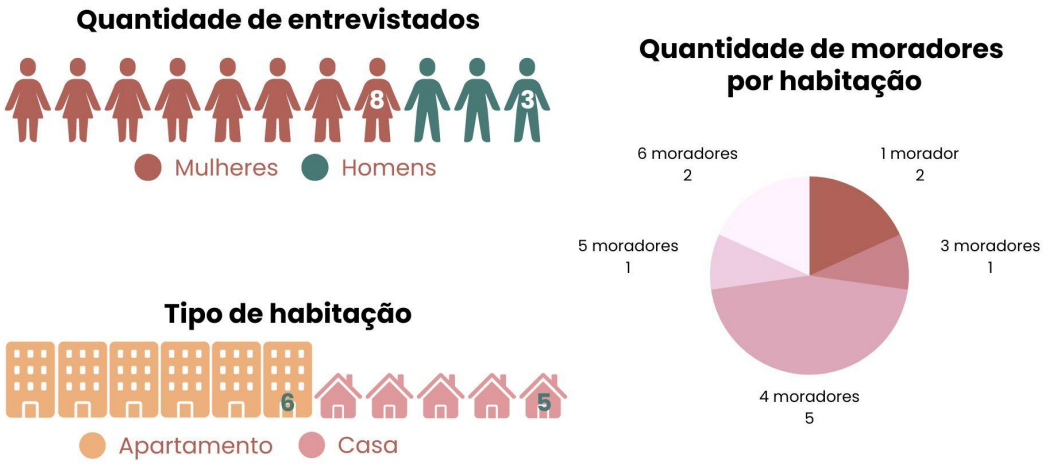

Figura 04: Perfil geral dos entrevistados.

Fonte: Autoria própria, 2023.

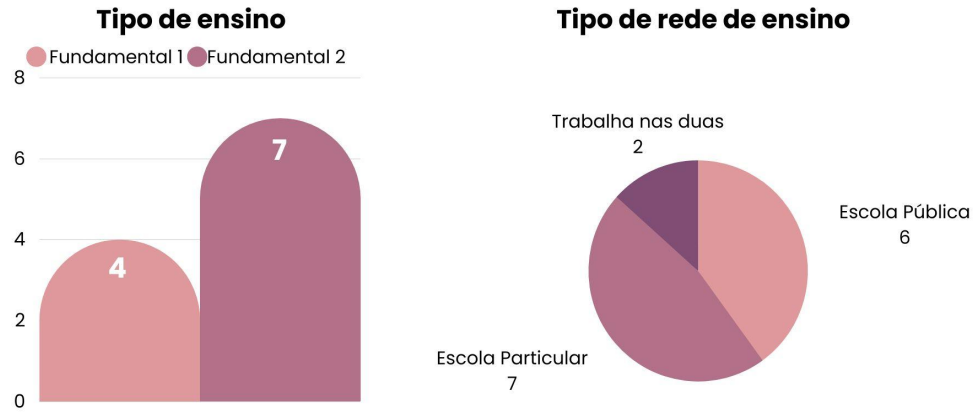

Figura 05: Perfil do trabalho dos professores.

Fonte: Autoria própria, 2023.

É importante ressaltar que os primeiros participantes foram indicados por familiares e amigos da pesquisadora, e a partir das entrevistas foi pedido aos participantes que se fosse possível indicassem novos participantes para a pesquisa.

Com o intuito de assegurar e conservar a identidade dos participantes da pesquisa, foram escolhidos pseudônimos para identificação dos professores que foram mencionados ao longo deste trabalho.

2.2 Etapas Metodológicas

A partir dos objetivos da pesquisa, foram definidos a entrevista e a fotografia como instrumentos de pesquisa.

2.2.1 Entrevista

A entrevista foi um instrumento de pesquisa que auxiliou no conhecimento dos professores e no entendimento das similaridades entre o grupo de entrevistados. Inicialmente foi realizada uma primeira entrevista piloto para assegurar a assertividade das perguntas formuladas e identificar a necessidade de novas perguntas para complementar a entrevista.

Dessa forma, a entrevista piloto consistia em 15 perguntas, e após sua realização foram formuladas novas perguntas que resultaram no total de 21 perguntas a serem feitas aos demais participantes.

Para coleta das informações foram realizadas entrevistas online, mediante vídeo-chamada através do Google Meet, dada a comodidade que essa ferramenta dispõe, facilitando a realização das entrevistas. A duração das chamadas variou entre 10-25 minutos, e, em casos onde os entrevistados se sentiam mais à vontade para conversar e conceder mais detalhes, chegou em até 45 minutos de duração.

A conversa inicial da entrevista, se deu com a apresentação por parte da pesquisadora sobre o tema e objetivo da pesquisa ao entrevistado e a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). Foram realizadas perguntas norteadoras para conduzir a entrevista entre pesquisadora e entrevistado (Apêndice B), e mediante autorização prévia dos participantes, o áudio da conversa foi gravado no celular da pesquisadora, para posterior transcrição e organização dos dados coletados. A seguir, podemos ver alguns tópicos abordados nas entrevistas:

Figura 06: Tópicos abordados nas entrevistas.

Fonte: Autoria própria, 2023.

Com base na metodologia de entrevista realizado por Santos (2020), foi preenchido pela pesquisadora uma Ficha de Cadastro do Participante (APÊNDICE C - Perfil geral dos professores entrevistados), com as informações colhidas nas entrevistas, com o intuito de organização dos dados com informações básicas de todos os voluntários, sendo elas: cidade; idade; condição salarial; tipo de residência

(casa ou apartamento); número total de habitantes; cômodos da casa; ensino de atuação (fundamental 1 ou 2); tempo de atuação; tipo de escola (pública ou particular); sendo essas últimas informações sobre o trabalho acrescentadas ao modelo de metodologia feito por Santos (2020), para se adequar ao contexto da pesquisa.

2.2.2 Fotografia

Além da entrevista foi aplicado a fotografia como método de pesquisa, já que segundo Souza (2019, p.48) “o ato fotográfico tem capacidade narrativa de representar o indivíduo e suas percepções do mundo, sendo o que decide registrar aquilo que atribui valor”. Após o término de cada entrevista, era pedido aos participantes que se estivessem à vontade, enviassem uma ou duas fotografias do espaço que representasse **a maior mudança em sua casa em função da pandemia**, e que não necessariamente estava ligado com a inserção do home office. Dos 11 participantes, 8 participantes enviaram a fotografia solicitada.

2.3 Análise e processamento de dados

2.3.1 Entrevistas

As entrevistas coletadas foram analisadas posteriormente pela pesquisadora, com o objetivo do entendimento das características relatadas que se tem destaque ou que se repetem nos relatos. A técnica aplicada foi a de análise de conteúdo, que através dela:

> [...] podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além da aparência do que está sendo comunicado (MINAYO, 2001, p. 74).

Minayo (2001) determina que à análise das entrevistas é necessário a aplicação de uma *unidade de registro* para o melhor entendimento do conteúdo das mensagens, dessa forma, foram utilizadas: palavras, frases, temas e o

acontecimento relatado. Seguindo a ordem cronológica de análise estabelecida por Minayo (2001), foi empregado as fases: *pré-análise*, onde houve a organização do material das entrevistas; *exploração do material*, onde aconteceu a execução do que foi estabelecido na fase anterior; e por fim a fase de *tratamento dos resultados obtidos e interpretação,* etapa de descobrimento do conteúdo subjacente ao que está sendo relatado.

Na primeira fase, foi realizada a transcrição de todas as gravações de áudio das entrevistas, ficando cada uma em seu arquivo de documento Word. Em seguida, seguindo a metodologia já citada anteriormente de Santos (2020), uma Planilha Excel foi criada no intuito de organizar os dados e sintetizar as respostas de cada entrevistado a cada pergunta feita, nesta planilha também foram indicados comentários e trechos de destaque presente nas falas dos professores.

A fase de exploração do material foi realizada a partir de Minayo (2001), onde optou-se trabalhar com categorias para o entendimento das informações coletadas, assim, foram pré-estabelecidas antes das entrevistas quatro categorias, sendo elas: *abrigo, privacidade, intimidade* e *home office*; contudo, após a coleta das entrevistas surgiu outra categoria, a de *convívio*, como veremos mais adiante no capítulo 3.

A última etapa de tratamento dos resultados e interpretação dos dados aconteceu a identificação nas falas dos professores de palavras, expressões e descrições que tivessem destaque e que se repetissem entre os entrevistados, dessa forma, foram identificados os valores subjetivos.

Foram realizados desenhos esquemáticos de planta baixa a partir dos relatos e fotografias de alguns dos professores, que foram essenciais para a melhor compreensão da espacialidade das residências.

2.3.2 Fotografias

As fotografias feitas pelos entrevistados foram enviadas para a pesquisadora através do Whatsapp e logo em seguida armazenadas para a etapa de análise. Esta se deu através da interpretação prévia se a fotografia iria ajudar no entendimento dos valores subjetivos e espacialidade da casa, logo, imagens de prints de tela, com imagens de alunos, foram descartadas, por não responder a pergunta “**qual a maior mudança em sua casa em função da pandemia?**”.

Assim, as fotografias que atendiam ao intuito da pesquisa foram analisadas à luz da metodologia apresentada por Souza (2019), que foi desenvolvida pelo Laboratório de história oral da imagem da Universidade Federal Fluminense - UFF descrita no artigo Através da imagem: Fotografias e História Interfaces, escrito pela historiadora Ana Maria Mauad (1996). Em sua metodologia ela explica que:

> A fotografia comunica através de mensagens não verbais, cujo signo construtivo é a imagem. Portanto, sendo a produção da imagem um trabalho humano de comunicação, pauta-se, enquanto tal, em códigos convencionalizados socialmente, possuindo um caráter conotativo que remete às formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas como mensagens (MAUAD, 1996, p. 12 apud SOUZA, 2019, p.49).

Essas mensagens não verbais se estruturam a partir do meio cultural que o fotógrafo é inserido, sendo a fotografia uma representação de sua forma de ser e agir, sendo a foto uma mensagem relacionadas às escolhas feitas no ato da fotografia e para sua análise é necessário separar o plano de conteúdo, este sendo o produto do contexto, do plano da expressão, compreendida como as escolhas temporais e a construção de sentido (MAUAD, 1996 apud SOUZA, 2019, p.49) Após esse entendimento, Mauad (1996) organiza duas tabelas que investigam os dois planos individualmente, completando com os itens visualizados na fotografia entendidos como unidades culturais e divide em categorias espaciais, sendo elas:

> **Espaço fotográfico:** compreende o recorte espacial processado pela fotografia, incluindo a natureza deste espaço, como se organiza [...]. **Espaço geográfico:** compreende o espaço físico representado na fotografia, caracterizados pelos lugares fotografados e a trajetória de mudanças ao longo do período que a série cobre. **Espaço do objeto:** compreende os objetos fotografados tomados como atributos da imagem fotográfica. **Espaço da figuração:** compreende as pessoas e animais retratados, a natureza do espaço (feminino/masculino, infantil/adulto), a hierarquia das figuras e seus atributos, incluindo-se aí o gesto. **Espaço da vivência (ou evento):** nela estão circunscritas as atividades, vivências e eventos que se tornam objeto do ato fotográfico (MAUAD, 1996, p.13 e 14 apud SOUZA 2019, p. 49)

Seguindo como base essa metodologia, as categorias descritas anteriormente foram utilizadas no presente trabalho na análise e entendimento das fotografias

enviadas pelos professores, na tentativa de compreensão das mudanças ocorridas na arquitetura em virtude da pandemia.

3. A casa na pandemia

3. A casa na pandemia

Esse terceiro capítulo propõe a iniciar o estudo empírico a partir dos dados obtidos nas entrevistas realizadas, que comparados à pesquisa bibliográfica, foi destacado os valores subjetivos, descritos no tópico 1.2 deste trabalho. Assim, o presente capítulo está dividido em três partes buscando observar dois itens, sendo a primeira parte sobre a casa a partir da ideia de abrigo, intimidade e privacidade; a segunda parte a partir do trabalho na casa; e a terceira parte mostra o que foi relatado pelos professores sobre as mudanças ocorridas em suas casas no pós pandemia.

3.1 Sobre a casa: aspectos sobre o abrigo, intimidade e privacidade

Nas entrevistas identificou-se a ideia dos valores de *abrigo, intimidade* e *privacidade* nos depoimentos dos professores em relação às suas casas. A função da casa de acolhimento do indivíduo, para sua proteção e segurança, sendo um local de descanso que “permite sonhar em paz” (BACHELARD, 1993, p.201), caracteriza o que foi denominado como valor de *abrigo.* Já o entendimento desta casa como algo próprio, "o lugar do indivíduo, do íntimo, do singular” (LEITÃO, 2014, p.45), denomina o valor de intimidade e privacidade.

E como citado no capítulo 2 da metodologia, percebeu-se a partir das falas dos entrevistados uma nova categoria de valor, a de *convívio,* sendo tratada aqui as interações e interferências que ocorreram na casa e na rotina dos entrevistados a partir da interação com os outros habitantes da casa.

Todos esses valores foram percebidos de maneira distinta na percepção dos professores entrevistados, onde em algumas falas estava nitidamente expresso, já em outras, era percebido nas entrelinhas das suas falas, assim, coube à pesquisadora a interpretação dos fatos, como relatado no capítulo 2 da metodologia.

Visto esse entendimento, era possível notar a presença do valor de *abrigo* quando era perguntado sobre o que a casa representa para o entrevistado, onde a professora Luísa, como explicado anteriormente, os nomes são pseudônimos, fala que “*a minha casa é o meu porto seguro, o meu descanso. Eu sou uma pessoa*

caseira, gosto de estar em casa, então é um lugar que eu cuido, que eu gosto de estar, que me traz bem estar", trazendo esse entendimento de que sua casa é um local em que se sente acolhida. E Davi complementa:

> *A minha casa é minha fuga [...] aqui eu posso ser mais transparente, ser quem eu sou, aqui eu posso relaxar do jeito que eu gosto. [...] Então tudo na minha casa tem um ponto de refúgio. Não que a rua seja ruim, mas é que quando eu chego em casa eu me tranquilizo mais, abro a porta e digo: enfim cheguei (Davi, transcrição de áudio).*

Na mesma pergunta, o professor Antônio responde que a sua casa representa "*aquela coisa filosófica, aconchego e tal. Antes era local de lazer, acolhimento e descanso, mas agora é local de trabalho também"*, onde ele aborda a questão da inserção do trabalho na sua casa a partir das mudanças ocorridas na pandemia.

Nessa perspectiva, a casa apresenta esse aspecto de um refúgio e recolhimento do ser, como também descrito anteriormente por Norberg-Schulz (apud CAMARGO, 2007), em sua definição de o que seria o **habitar doméstico**, a casa sendo caracterizada como um local "rodeado de proteção, resguardado, em paz; livre, em sua essência, de qualquer ameaça contra essa paz" (CAMARGO, 2007, p.23). Podemos enxergar mais claramente isso na fala de Júlia:

> *Eu enxergo minha casa como um lugar que eu tenho a minha tranquilidade, onde eu fico sossegada, onde eu escuto minha música, faço minha comida [...] É onde eu consigo ficar em paz [...] afastada da turbulência do dia a dia (Júlia, transcrição de áudio)*

Como visto no capítulo 1, o valor de abrigo também pode remeter a função de segurança que a casa representa para o indivíduo, e em um período de pandemia, onde todos estavam tentando se proteger do vírus, essa ideia de casa como um lugar seguro foi ainda mais evidenciado, como comenta Jéssica que sua casa *"representa meu espaço sagrado, o meu lar [...] ela representou minha fortaleza, minha segurança [...] eu sabia que estava segura dentro da minha casa",* assim como a professora Gisele complementa: "*minha casa é meu porto seguro, minha segurança, meu refúgio. É onde eu encontro paz, onde eu encontro descanso".*

A percepção do valor abrigo não se restringiu à ideia de que toda a casa e todos os seus cômodos representam esse local de refúgio. No caso de Maria, o

convívio com os outros habitantes da casa fez com que ela se isolasse, por viver numa casa que ela descreve como um local de "*agitação, pois a casa está sempre cheia, moram seis pessoas, mas vive cheia de gente".* Logo, essa convivência acabou dificultando suas atividades e interferindo em sua rotina, já que ela relatou que em função da pandemia a questão do entendimento de suas atividades laborais, por parte dos outros habitantes, foi fundamental para a realização do seu trabalho.

Ao ser questionada sobre o valor de privacidade, a professora Maria fala que *"tive que montar meu quarto para isso (para o trabalho), já que é um local só meu",* e nesse tópico podemos entender aqui tanto a questão de privacidade e intimidade, visto a quantidade de pessoas que convivem com ela, sendo seu quarto como local íntimo seu, como também a ideia de pertencimento ao local, não necessariamente a casa por completo, mas a um cômodo que passa a ser seu local de refúgio.

A professora Luísa partilhou uma experiência que se assemelha a de Maria, ao relatar que por causa dos outros habitantes, o seu quarto passou a ser este local de privacidade para a realização dos seus trabalhos. Ela diz que: "*Eu tinha que ficar no meu quarto, por causa da minha família, para não atrapalhar eles [...] então eu estava trabalhando [...] dando aula e aqui trancada no meu quarto."*

Notou-se em outras falas dos professores a ideia de casa sendo o lugar que expressa sua intimidade e privacidade, como no depoimento de Ingrid, ao dizer: " *A minha casa representa muito a minha intimidade, o lugar que eu mais fico. É onde eu mais produzo também, mais trabalho, onde desenvolvo minha pesquisa, é a parte mais íntima da minha vida é a minha casa".*

Um outro questionamento feito aos professores foi como ficou sua relação com a casa no período da pandemia, visto que naquele momento, todas as atividades passaram a ser realizadas num único local, o professor Antônio respondeu que:

> *Foi mais que o lar, foi um pequeno mundo. Cheguei a passar dois meses onde só eu que saia (de casa), minha esposa e minhas filhas não. Então, eu só saia em condições extremas. Passamos dois meses e vinte dias dentro de casa, inventando tudo o que você possa imaginar. Minha casa foi tudo, foi cinema, foi quadra, jogávamos bola no corredor e ela foi restaurante, ela foi tudo (Antônio, transcrição de áudio).*

O professor Davi falou sobre como passar mais tempo em casa nesse período aflorou ainda mais o sentimento de abrigo que sente em sua casa, falando que *“eu não me senti afetado na pandemia, confesso até que foi mais confortável fisicamente, já que era o ambiente que eu mais gosto de estar. Trabalhar aqui foi só uma questão de tomar cuidado com a privacidade”*, trazendo aqui a questão do cuidado com sua intimidade a partir das atividades do trabalho, ponto que será comentado no próximo tópico sobre o home office.

3.2 Sobre o trabalho na casa: o home office e a espacialidade da casa

A partir das falas dos entrevistados percebemos o quanto o trabalho mudou a dinâmica da casa, seja na rotina, e nas relações com a casa e com os outros habitantes. Com a sua repentina inserção, a habitação que antes era apenas abrigo e refúgio para os entrevistados, partilhou o seu espaço com as atividades laborais dos professores. Nesse tópico foram analisadas as falas dos professores a partir do que foi visto no capítulo 1 sobre o home office.

Para alguns dos entrevistados, quando questionados sobre o que a casa passou a representar para eles no período da pandemia, a resposta foi que a casa se transformou num ambiente de trabalho, como foi o caso para os professores Maria, Ingrid, Fábio e Gisele, pelo fato da realização do mesmo ser nesse local, e por terem que passar tanto tempo, até mais do que quando era na escola, exercendo seu trabalho. Em sua resposta, Gisele respondeu que:

> *No tempo de pandemia ela se tornou também meu ambiente de trabalho. Então ficou meio conflitante [...] antes da pandemia a gente conseguia deixar o lar e ir para o trabalho, mas na pandemia a gente não teve isso, essa divisão. Eu trabalhei em home office e não tinha como distinguir lar e trabalho. Na verdade, foi mais trabalho do que um lar (Gisele, transcrição de áudio).*

O professor Antônio também relata sobre não conseguir separar a casa e o trabalho: *“teve hora que o trabalho se misturou com minha vida [...] no começo eu perdi essa questão, tive que comprar um planner, colei um adesivo preto na sala, para poder agendar meus horários e determinar os horários de outras coisas”.*

Uma das perguntas feitas aos professores se tratava da existência de um espaço voltado para o home office antes da pandemia e se houvesse, se já tinha sido utilizado. Assim, como podemos ver na figura 07, sete professores falaram que não tinham esse espaço e não tinham precisado trabalhar em casa antes da pandemia, e quatro falaram que já tinham o espaço, mas que só tinha sido utilizado para atividades relacionadas as aulas, como correções e pesquisas, mas nunca para a realização e gravações de aulas.

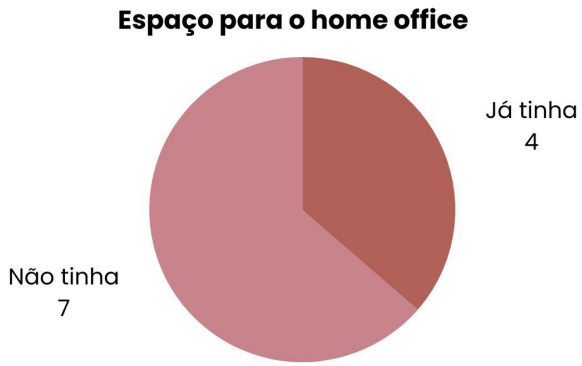

Figura 07: Gráfico sobre a existência de um espaço reservado para o home office antes da pandemia.

Fonte: Autoria própria, 2023.

Pelas falas dos entrevistados, pode-se perceber que para muitos o seu quarto, que antes era apenas o local de descanso, acabou se tornando a sua sala de aula, o que faz com que compreendemos essa falta de divisão entre vida e trabalho, já que como disse o professor Davi: *“era meio frustrante, por acordar e já está dentro do meu ambiente de trabalho, olhava pro lado e já estava todo o trabalho ali me esperando”.* A seguir, podemos observar um gráfico com os cômodos citados pelos professores que foram utilizados como home office:

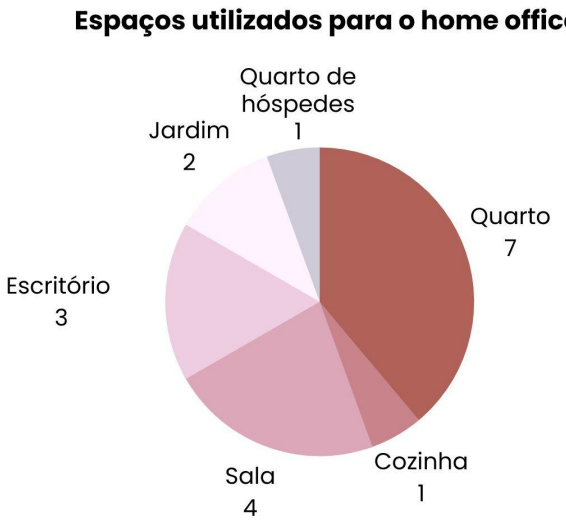

Figura 08: Gráfico com espaços citados pelos professores que foram utilizados para o home office.

Fonte: Autoria própria, 2023.

O professor Davi comenta que em sua casa sempre existiu uma mesa de estudos em seu quarto e no período de pandemia, aquele espaço acabou se tornando seu local do home office, e por já está acomodado naquele espaço, não sentiu necessidade de utilizar outro cômodo da casa para realização de suas atividade. Dessa forma podemos conferir na figura a seguir a distribuição do home office na casa de Davi:

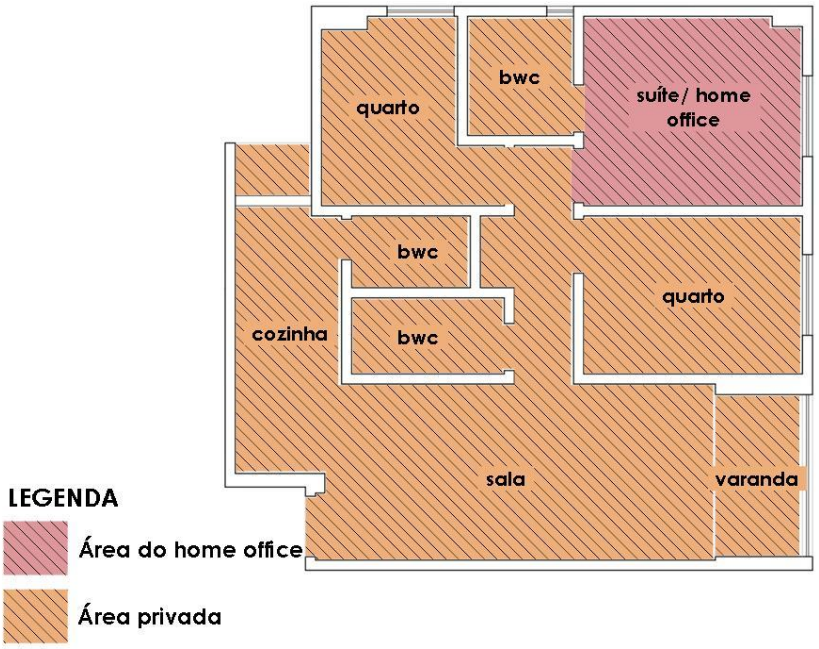

Figura 09: Planta esquemática da espacialidade do home office na casa do professor Davi.

Fonte: Autoria própria, 2023.

O quarto de hóspedes do professor Fábio se transformou na sua área de home office, e assim como no caso anterior, ele não viu a necessidade de utilizar outro cômodo de sua casa para o trabalho. E no seu caso, a utilização do quarto de hóspedes não prejudicou a convivência com outros integrantes da casa, por ser um espaço que estava ocioso, por não receber visitas no período de pandemia. A seguir, podemos observar a instalação do home office na casa de Fábio:

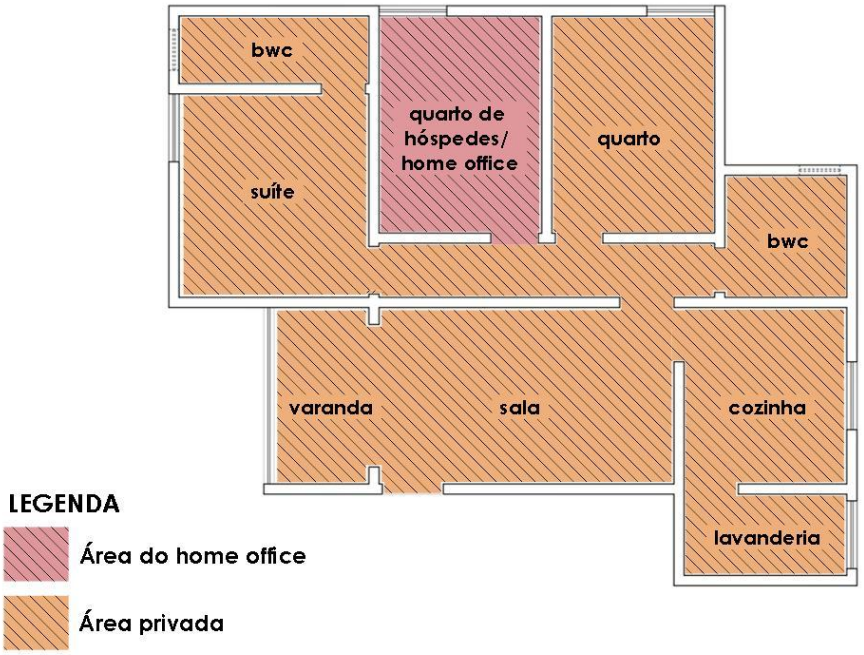

Figura 10: Planta esquemática da espacialidade do home office na casa do professor Fábio.

Fonte: Autoria própria, 2023.

A professora Marta relata que em sua casa ela precisou utilizar do seu quarto e da sua sala de estar para a realização do seu trabalho, como podemos observar na figura 11. A sala era o ambiente que ela mais utilizava, já que ela sempre colocava algo que tinha a ver com as aulas na parede, para ser o fundo que iria aparecer nas suas filmagens, na tentativa de transformar aquele espaço o mais similar, dentro do possível, da sua antiga sala de aula. Ela conta que para isso:

> *[..] tinha todo um preparo de um recurso, porque a sala de aula em si, já tem os recursos para os alunos, e tudo aquilo que preciso no dia a dia e as informações. E quando passa para ser na casa da gente não tem, então a cada dia tinha que colocar algo na parede que tivesse haver com a aula. A produção para essa aula era bem diferente do dia a dia da sala de aula, era bem mais trabalhoso (Marta, transcrição de áudio).*

Figura 11: Planta esquemática da espacialidade do home office na casa da professora Marta.

Fonte: Autoria própria, 2023.

Duas professoras relataram que existe um jardim em suas casas, e elas apontaram sobre a utilização desse espaço para tornar suas aulas mais dinâmicas, dessa forma, fazendo com que seu trabalho transite por sua casa, na busca de uma melhor realização dessa atividade, como a professora Gisele relata:

> *Eu tentava explorar os ambientes, tanto a casa em si como o condomínio, para fazer umas aulas mais diversificadas. Então eu comecei a gravar em outros ambientes e não só no quarto [...] teve um dia que a aula foi sobre agricultura, então eu saí pro jardim, para mostrar a horta que eu tenho (Gisele, transcrição de áudio).*

Da mesma forma o professor Antônio relatou que:

> *Eu comecei a utilizar elementos da minha casa nas aulas. Eu gosto de cozinhar, eu já trabalhei com cozinha, tenho um balcão americano, então eu fazia minha aula na sala e muitas vezes eu colocava meu computador em cima do balcão americano, virava para a cozinha e falava para os meninos: olha vou fazer agora um bolo, anota a receita ai, aqui tem 1kg de trigo e eu preciso de 1/3 de kg de trigo, vê ai quanto é que fica, "ah professor fica 333g", eu pagava minha balança, fazia, media, colocava lá, e fiz várias*

> *aulas assim [...]. Usava minhas coleções que ficam na sala, meus bichinhos de porcelana, de barro e nisso o ambiente passou a me ajudar. Mandava os alunos ligarem as câmeras, eles dançavam lá, eu dançava daqui e assim íamos vivendo (Antônio, transcrição de áudio).*

E nessa tentativa de tornar as aulas mais dinâmicas diversificando os ambientes mostrados em tela, o que antes era um ambiente íntimo da casa, se tornou uma área de home office, onde os olhares dos alunos observam a intimidade do professor.

Dessa forma, na casa do professor Antônio, o home office se espalhou por quase toda a sua extensão, pois além da cozinha e sala, ele relata que tinha um escritório na sua casa e às vezes também utilizava do seu quarto para a realização das atividades do trabalho. A partir disso, na figura 12 podemos observar a espacialidade do home office na casa de Antônio:

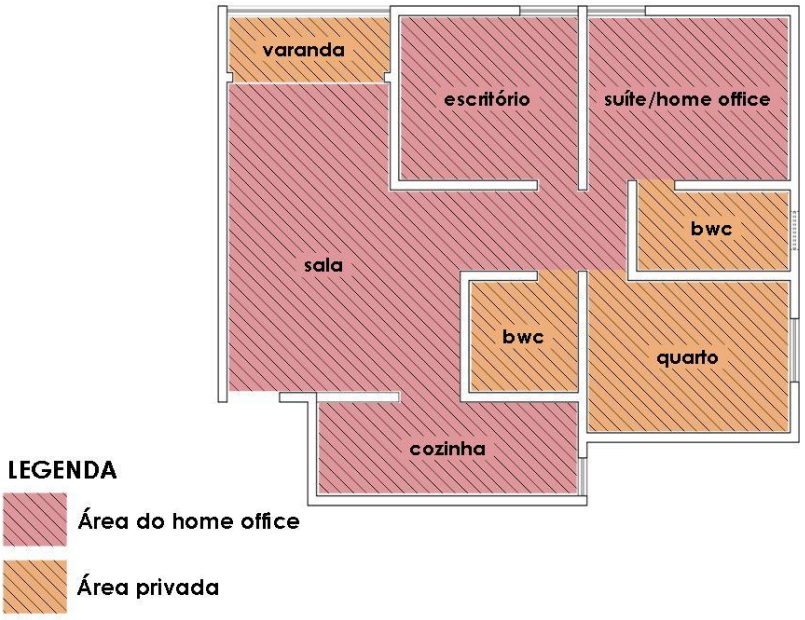

Figura 12: Planta esquemática da espacialidade do home office na casa do professor Antônio.

Fonte: Autoria própria, 2023.

Nessa busca por reter a atenção dos alunos, a professora Mônica compartilhou uma fotografia onde ela se encontra segurando seu jabuti de estimação em frente à câmera do seu notebook, para mostrar aos seus alunos numa aula de ciência (figura

13). Nesta imagem também podemos observar que seu espaço de trabalho foi feito de forma improvisada em seu quarto, como podemos ver na transcrição a seguir:

> *Minha casa é muito pequena, tive que fazer tudo no improviso. Meu filho e minha sobrinha estudam na escola que eu trabalho, eu deixava eles na mesa da sala com um computador para assistirem suas aulas com fone de ouvido. Eu tinha uma mesa, que eu até mandei uma foto pra tu, que eu to com meu jabuti mostrando no computador, aquela mesa de madeira na verdade é uma base de uma mesa de vidro que o tampo quebrou, e ela virou minha mesa, já que era exatamente do tamanho do meu computador (Mônica, transcrição de áudio).*

Figura 13: Foto da área de home office no quarto de Mônica.

Fonte: Foto enviada por Mônica, participante da pesquisa (2023).

O professor Fábio também comenta sobre essa dificuldade em reter a atenção dos alunos nas aulas remotas, já que percebia que seus alunos muitas vezes compartilhavam do seu espaço de estudo com outras pessoas, dificultando a concentração do seu aluno, além de que *"muitos queriam assistir deitado, muitos iam assistir televisão, já que a gente não tinha controle do lado de lá da casa deles"*.

Na busca por tentar evitar essa dispersão em seus alunos, as professoras Luísa e Gisele trouxeram dinâmicas já utilizadas em sala para frente do computador, atividades como bingo e leitura foram realizadas de forma lúdica para deixar as aulas mais leves, como podemos observar nas imagens enviadas por elas:

Figura 14: Montagem de imagens reproduzidas pela professora Luísa, mostrando a realização do “bingo dos brinquedos”.

Fonte: Foto enviada por Luísa, participante da pesquisa (2023).

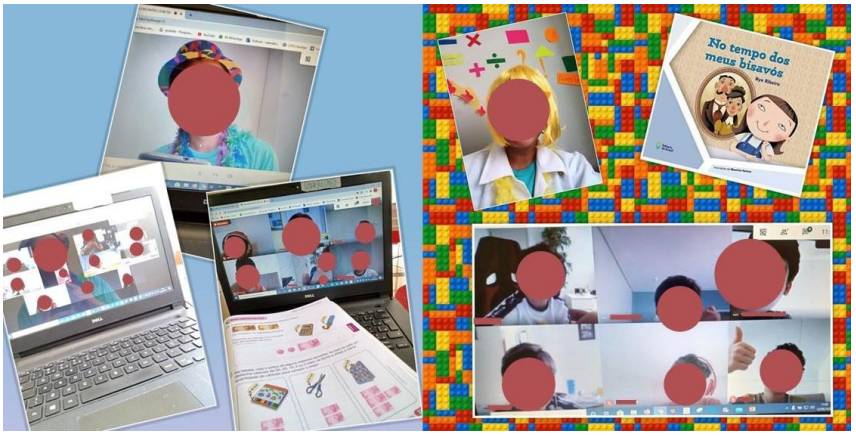

Figura 15: Montagem de imagens reproduzidas pela professora Gisele, mostrando a realização das atividades feitas no período da pandemia.

Fonte: Foto enviada por Gisele, participante da pesquisa (2023).

Quando questionados sobre a perda de privacidade na casa, alguns relatos foram voltados a perda da privacidade que os outros habitantes da casa também sofreram em função do trabalho dos entrevistados. No caso da professora Gisele, quando questionada sobre a perda de privacidade, ela responde:

> *Com certeza houve, porque como eu tinha que dar aulas ao vivo e gravar aulas, o pessoal que estava morando comigo; meus pais, filho e marido;*

> *tinham que se privar e fazer silêncio total. Eles saíam de casa para não fazer barulho, então na verdade, isso privava mais a eles. Minha atividade privou eles de suas liberdades dentro de casa (Gisele, transcrição de áudio).*

Outra questão que envolve a privacidade são os olhares dos alunos para dentro da casa do professor. Dessa forma, a professora Jéssica, relata seu incômodo, já que ela não gostava do fato que os alunos observassem seu *"lugar sagrado"*, como ela descreveu sua casa. Quando respondeu a pergunta sobre o que o trabalho representou para ela e o que precisou ser repensado em sua casa, ela comenta que:

> *Foi terrível, porque eu senti como uma invasão da minha casa, uma invasão do meu espaço. Trazer a escola pra dentro da minha casa foi terrível pra mim, gostei nenhum pouco. [...] Eu tive que adaptar a sala pra colocar quadro. Sem falar que tira a privacidade da gente, né? Porque os alunos adentram os olhares pra nossa casa e eu vivia dando aula com todas as portas dos cômodos fechados (Jéssica, transcrição de áudio).*

Para cada um dos professores a adaptação ao home office foi de uma forma, pois, enquanto o professor Antônio não se incomodava com os alunos olhando sua cozinha e até cozinhava com eles, a professora Jéssica relata que:

> *De onde eu gravava as aulas na sala dava para ver minha cozinha americana, nisso as alunas viram e falaram "eita professora sua cozinha é vermelha, né?"; e começaram a fazer perguntas. Eu sei que não era de maldade, mas é uma invasão da minha privacidade, do meu lar (Jéssica, transcrição de áudio).*

E por causa desse incômodo na inserção do home office em sua casa, observou-se que Jéssica optou por setorizar a sua área de trabalho apenas na sala e escritório, onde ela comenta que instalou um quadro na sala para lhe auxiliar nas aulas, mas que não lhe agradava já que *"não podia estar armando e desarmando as coisas. Já ficava armado para me poupar tempo. Então o pouco de espaço que eu tenho, roubou mais ainda".* Na figura a seguir, veremos como o home office foi inserido em sua casa:

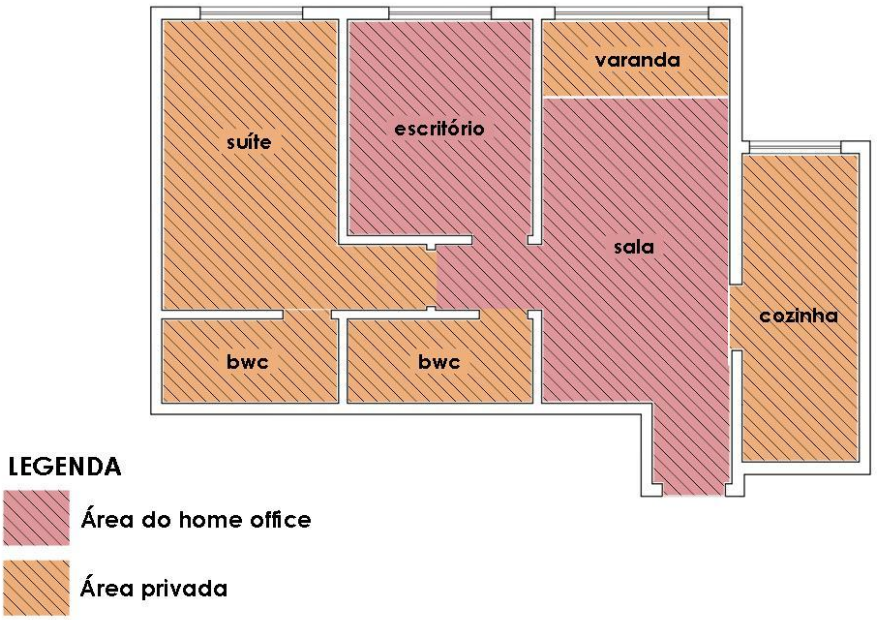

Figura 16: Planta esquemática da espacialidade do home office na casa da professora Jéssica.

Fonte: Autoria própria, 2023.

No caso da professora Júlia, ela relata que sentiu sua privacidade sendo invadida e que seu incômodo veio do fato que ela estava mostrando sua casa através da câmera e em suas aulas os alunos não abriam as câmeras, e que esse assunto foi comentado com outros professores da sua escola. Ela relata que:

> *Eu fiquei incomodada porque como a gente lida com adolescentes, muitas vezes eles não lidam muito bem com a própria imagem e no momento da aula todas as câmeras ficavam desligadas e só a minha câmera aberta. Então naquele momento eles estavam vendo minha casa, o meu rosto. Por mais que os alunos sejam tranquilos em relação a pegar a imagem de um professor e fazer um 'meme', a gente não vê muito isso acontecendo na nossa escola. Mas mesmo assim, fiquei apreensiva, porque eram muitos estudantes que eu não tinha tido o contato, e a gente não sabia o que eles poderiam fazer. E foi até uma coisa que conversamos entre nós, os professores, já que eles não queriam abrir as câmeras, se a gente devia mesmo deixar a câmera aberta, tanto é que alguns colegas decidiram fechar as câmeras, já que os estudantes também não abriam as suas (Júlia, transcrição de áudio).*

Além dessa falta de privacidade no espaço, os professores relataram que por causa do home office, o acesso dos seus chefes e alunos, muitas vezes ultrapassavam o limite do horário de trabalho que antes existia no trabalho dentro da escola. Os pais e alunos ligavam e mandavam mensagens para tirar dúvidas ou matar a saudade dos professores. Ingrid descreve que:

> *Eu já cheguei a ter aluno falando comigo no domingo à meia noite. Então não tinha uma organização de horário, de não saberem até que ponto chegar e também por conta que tinham acesso a informações pessoais da gente, o número de telefone, whatsapp, email. E não partia da escola esse controle, então eu ficava muito refém do que eles faziam, e não podia reclamar, porque se não estávamos sendo arrogantes ou não queríamos trabalhar. E eles não entendiam que não era a hora de fazer (Ingrid, transcrição de áudio).*

Por fim, ao contrário do que vimos até então, na vivência do professor Fábio o que ocorreu foi a falta de privacidade para a realização do seu trabalho. Por está em casa, sua família achava que poderia a qualquer momento falar com ele, o que acabou atrapalhando suas atividades. Ele narra que:

> *O tempo que eu estou em casa, é o tempo que eu estou disponível pra família. E quando eu estava em casa trabalhando, eu não podia dar atenção. Então como eu digo, o que atrapalhou é porque muitas vezes a família achava que por eu estar em casa, estava disponível pra ela. E na verdade estava cumprindo o horário de trabalho (Fábio, transcrição de áudio).*

3.3 Sobre as mudanças: o que ficou no pós pandemia?

Quando perguntado sobre as mudanças ocorridas na casa em função da pandemia, poucas foram as pessoas que relataram mudanças estruturais na casa, o que mais foi falado foi sobre a inserção de uma mesa de trabalho, para intitular aquele espaço como a área do home office, e muitas das vezes, esse espaço estava localizado no quarto dos professores, como vimos no tópico anterior.

A professora Luísa comenta que no início da pandemia a única mudança que fez na sua casa foi de comprar uma mesa para colocar em seu quarto e utilizar em seu horário de trabalho, mas depois de um tempo, na rotina que a pandemia estabeleceu em sua casa, sua antiga vontade de mudar sua cozinha foi aumentando, como ela relata:

> No começo da pandemia não repensamos em nada da casa. Agora depois da pandemia eu quis fazer uma reforma na minha cozinha que eu estava querendo há muito tempo. Derrubei uma parede que dividia ela da sala e fiz uma sala integrada à cozinha. Troquei a cerâmica do corredor, sala e cozinha. (Luísa, transcrição de áudio)

E quando questionado se a pandemia deu esse incentivo para que ela fizesse a reforma, sua resposta foi a seguinte:

> Acredito que sim, já que antes eu trabalhava fora de casa, sai de manhã cedo e chegava tarde para dormir. Eu sempre trabalhei muito [...] e como fiquei em casa por tanto tempo, fui reparando ainda mais em coisas que já me incomodavam na casa. Depois disso tomei coragem para fazer e foi maravilhoso ver como ficou depois da reforma. (Luísa, transcrição de áudio)

Na figura a seguir, podemos observar um pouco desse processo da mudança da sua cozinha, onde várias fotos estão organizadas mostrando diferentes ângulos e etapas da sua reforma:

Figura 17: Montagem com os registros da mudança que ocorreu na cozinha da professora Luísa.

Fonte: Montagem de fotos enviadas por Luísa, participante da pesquisa (2023).

A professora Jéssica enviou uma fotografia, onde podemos perceber que a fotografia foi retirada na parte da entrada da casa, mostrando a mesa de jantar, sofá e varanda. Em cima da mesa temos o notebook, alguns papéis e equipamentos eletrônicos, demonstrando que mesmo depois da pandemia, o home office continua presente em sua sala.

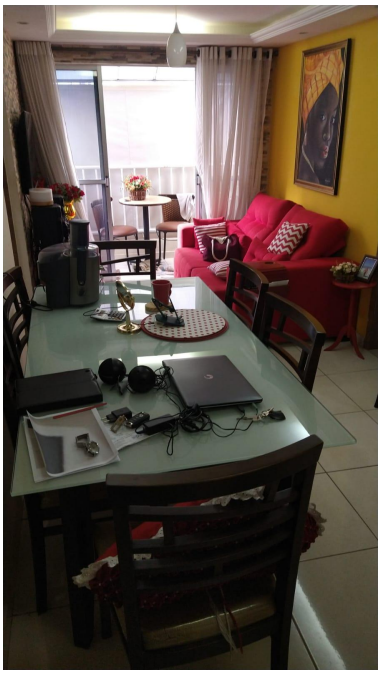

Figura 18: Foto que mostra a permanência do home office na sala de Jéssica no pós-pandemia.

Fonte: Foto enviada por Jéssica, participante da pesquisa (2022).

Os professores Maria, Fábio e Davi enviaram fotografias similares, quando pedido imagens que representassem a maior mudança que houve em suas casas em função da pandemia. Essas imagens têm como ponto focal a mesa de trabalho utilizada em seus home office. Na imagem da professora Maria, é possível observar apenas sua mesa e seus equipamentos de trabalho, que como foi anteriormente citado, ficou localizado em seu quarto (figura 19).

Figura 19: Foto da área de home office no quarto de Maria.

Fonte: Foto enviada por Maria, participante da pesquisa (2022).

A fotografia enviada pelo professor Fábio também nos apresenta seu espaço de trabalho, mas diferentemente da foto anterior, conseguimos observar um pouco do que seria uma cama, no lado esquerdo da fotografia (figura 20). Na entrevista, ele relata que sua área de trabalho estava localizada em seu quarto de visitas que no período da pandemia virou seu escritório.

Figura 20: Foto da área de home office no escritório de Fábio.

Fonte: Foto enviada por Fábio, participante da pesquisa (2022).

A imagem enviada por Davi também foca apenas em seu espaço de trabalho, contendo sua mesa, cadeira, equipamentos eletrônicos e livros (figura 21). Como vimos anteriormente, seu home office foi instalado em sua suíte, mas na sua fotografia, temos apenas a visualização do recorte do espaço de trabalho dentro do seu ambiente de descanso.

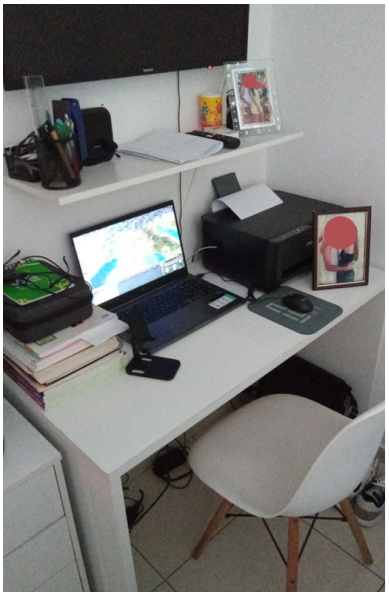

Figura 21: Foto da área de home office no quarto de Davi.

Fonte: Foto enviada por Davi, participante da pesquisa (2022).

A fotografia (figura 22) enviada por Ingrid revela que mesmo no pós pandemia, o seu espaço do home office ainda permanece em seu quarto. No seu caso, a fotografia revela um pouco mais do seu quarto e do espaço onde ficou localizada a sua mesa de trabalho. Pela iluminação em cima da mesa, podemos supor que ela está localizada em frente a janela do quarto, a sua esquerda estão seus livros e atrás da mesa fica sua cama.

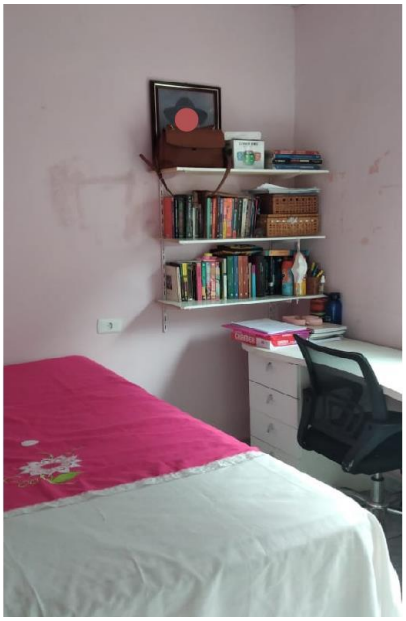

Figura 22: Foto da área de home office no quarto de Ingrid.

Fonte: Foto enviada por Ingrid, participante da pesquisa (2022).

Os professores Davi e Marta enviaram fotos que mostram a inserção de itens que ajudaram na prevenção da entrada do vírus da COVID-19 em suas casas. Em seu relato, Davi descreve essas mudanças:

> *Esse espaço de entrada do apartamento, uma pequena salinha que virou um "quartel" de combate a COVID-19. Ficava localizado o álcool em gel, o local para separar o sapato, dois panos com solução para limpar tudo que entrava na casa, principalmente no auge, quando a gente estava muito assustado. [...] na área de serviço eu fiz um espaço com sabão para lavar as frutas e verduras que entravam na casa, além de limpar toda a feira quando ela chegava. (Davi, transcrição de áudio)*

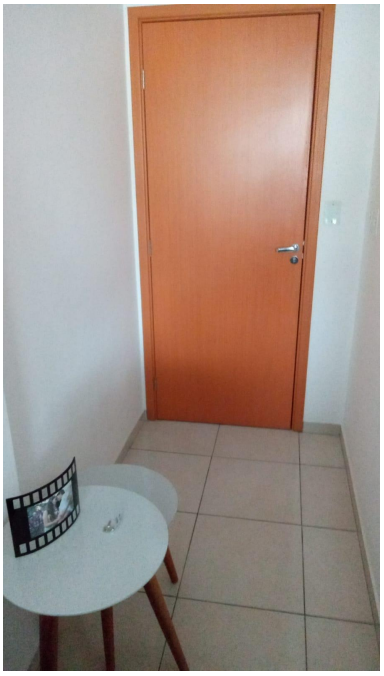

Figura 23: Foto representativa do espaço onde ficava no período da pandemia o "quartel de combate" a COVID-19 na casa do professor Davi.

Fonte: Foto enviada por Davi, participante da pesquisa (2022).

Marta comenta também sobre essa área de entrada da casa, onde havia esse tratamento do que entrava em sua casa. O item que ela relata que até hoje permanece em seu cotidiano, é a sapateira que fica logo do lado de fora do apartamento, como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 24: Foto da sapateira do lado de fora do apartamento de Marta.

Fonte: Foto enviada por Marta, participante da pesquisa (2022).

Em alguns relatos foi citado que logo após o retorno do trabalho ao presencial, o espaço que antes estava reservado para o trabalho dentro da sua casa, foi revertido para o que era antes, como no caso de Luísa, que relatou que "*a primeira coisa que eu fiz depois que a pandemia terminou foi desmanchar a área de trabalho de dentro do meu quarto".*

3.4 Sobre os achados da pesquisa

Em seus depoimentos, os professores discorrem sobre a dificuldade em desassociar a casa do home office, visto que o mesmo se espalhou por toda a sua extensão, mudando suas rotinas e hábitos. Essa dificuldade também foi vivenciada na pesquisa, visto que mesmo com a estrutura de temas que a pesquisa se dispôs a fazer, no intuito de transformar o texto mais didático, por vezes ficou difícil a separação, o que a própria natureza do home office acarretou para as pessoas.

E por essas mudanças, o impacto do home office vai além da reinvenção nos espaços, considerando o público-alvo estudado, viu-se através de imagens apresentadas no capítulo 3, a reinvenção tanto de suas residências, como a reinvenção desses profissionais para a melhor execução de suas atividades

laborais, criando e trazendo dinâmicas já executadas no ambiente da escola para dentro de suas casas.

Outro aspecto diz respeito à invasão mútua da privacidade, uma vez que o home office invadiu essa casa e a rotina da família. O contrário também aconteceu, justamente por causa da facilidade de acesso que os outros moradores da casa tinham aos professores, onde em alguns casos, não conseguiam separar os horários livres dos de home office dos professores.

A casa se modificou para além da pandemia, onde a partir das vivências dos moradores com a casa no período de isolamento social, houve o estímulo de novos e velhos incômodos, o que ocasionou em reformas nessa moradia, como foi citado no caso da professora Luísa. Além disso, novos hábitos foram incorporados, como deixar os sapatos do lado de fora, algo não tão vivenciado anteriormente. Assim como, uso de mobiliário para acomodar esse hábito.

E visto a espacialidade do home office na casa, podemos apontar a necessidade de espaços na arquitetura que sejam flexíveis e versáteis, como visto no tópico anterior, existiu a necessidade desse novo uso na casa, mas quando essa necessidade desaparece, houve a possibilidade de transformar aquele espaço no que ele era antes. Sendo assim, através desses espaços flexíveis será possível abrigar as novas demandas que podem surgir, maximizando e aprimorando a atuação da arquitetura, no atendimento a essas novas necessidades. (ARQUITETURAS, 2023).

4. Considerações finais

4. Considerações finais

Assim, para elucidar as considerações finais deste trabalho, resgatou-se o problema da pesquisa, o entendimento dos impactos que o período de isolamento social, associado ao home office, influenciou na relação entre indivíduo e a casa. Por meio das entrevistas, ficou claro que em alguns casos a casa deixou de ser somente o ambiente de abrigo e descanso, para se transformar no home office, mudando a percepção do indivíduo sobre sua casa nesse tempo de pandemia e invadindo a privacidade dos professores e quem mais convivesse com eles.

Desta maneira, será apontado um breve resumo de como os objetivos específicos, apresentados na introdução do trabalho, foram contemplados na pesquisa. Em resposta aos objetivos de identificar e analisar as mudanças na rotina e na casa dos professores por causa do home office, foram apresentados falas, plantas esquemáticas e fotografias na busca por representar as mudanças descritas pelos entrevistados.

Nesses relatos, foi possível perceber que não houve um roteiro a ser seguido, já que enquanto uns adotaram um único espaço em sua casa para ser seu home office, houve alguns que circularam pela casa em busca de trazer uma dinâmica em suas atividades laborais. Assim como essas mudanças não prejudicaram a rotina que alguns professores tinham, outros se sentiram invadidos pelo trabalho que tomou boa parte de seu tempo.

Sobre o objetivo de discutir subjetivamente o impacto na percepção que os entrevistados tiveram de suas casas, percebemos que alguns dos professores relataram que a casa se tornou seu trabalho, a ponto de ser frustrante, por ele ser tão presente em suas casas. Foi vista também a percepção da casa sendo um porto seguro, local de proteção no meio de todas as inseguranças vividas no tempo de pandemia. Outro caso que vale destacar, foi que o valor subjetivos de abrigo, foi atribuído somente a um cômodo da casa de um dos professores, mostrando que a casa como um todo nem sempre terá esse papel de abrigo, que neste caso foi ocasionado pela convivência com outros moradores da casa.

E por fim, na busca pela identificação das mudanças que permaneceram no pós-pandemia, foi visto que as inquietações perante a casa no período de

isolamento, influenciou em reformas, como no caso da professora Luísa que reformou sua cozinha, além de que em algumas das casas, houve a permanência do espaço fixo do home office.

Outra mudança vai além da espacialidade da casa, se tratando em hábitos como o de respeitar o silêncio quando o outro começa a trabalhar; em perguntar se a câmera está ligada quando os professores estão trabalhando, para não aparecerem nas vídeo chamadas; e hábitos de higiene, como não entrar em casa com os sapatos da rua e a limpeza de todas as compras que entram na casa. E a das respostas desses objetivos da pesquisa, foi possível compreender como se manifestou o home office na casa no período da pandemia e quais as mudanças que permaneceram na casa.

Referências bibliográficas

Referências bibliográficas

AMORIM, Luiz. A casa, espaços e narrativas. In: LEITÃO, L(org.) e AMORIM, L. (org.). A casa nossa de cada dia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. (p.87-111).

ARQUITETURAS à prova de futuro: como os interiores devem evoluir de 2023 em diante. Archidaily, 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/994893/arquiteturas-a-prova-de-futuro-como-os-interiores-devem-evoluir-de-2023-em-diante>. Acesso em: 08 de abril de 2023.

AZEVEDO. Margarida. Um ano de pandemia: veja cronologia da covid-19 em Pernambuco. Jornal do Commercio, 11 de março de 2021. Disponível em:<https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/03/12039040-um-anode-pandemia-veja-cronologia-da-covid-19-em-pernambuco.html>. Acesso em: 15 de set. de 2022.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BEIGUELMAN, Giselle. Coronavida: pandemia, cidade e cultura urbana / Giselle Beiguelman. - São Paulo: ECidade, 2020.

CAMARGO, Érica Negreiros de. Casa, doce lar: o habitar doméstico percebido e vivenciado. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Acesso em: 20 set. 2022.

COLDIBELI, Larissa. 8 tendências da arquitetura residencial que ganham força com a pandemia. Uol. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2020/09/17/8-tendencias-da-arquitetura-residencial-que-ganharam-forca-com-a-pandemia.htm> Acesso em: 23 de fev. de 2023.

CORDEIRO, Nilson da Rocha. A casa em verso e prosa: canções, poesias e subjetividade do conceito de casa. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento Urbano, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18010> Acesso em: ago. 2022.

COVID-19: Governo de PE anuncia fechamento de comércio e serviços não essenciais. Diário de Pernambuco, Pernambuco, 20 de mar. 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2020/03/covid-19-governo-de-pe-anuncia-fechamento-de-comercio-e-servicos-nao.html> Acesso em: 08 de mar. 2022.

ESPOSA de Fábio Porchat aparece pelada em live do humorista com Guilherme Boulos. Estadão. 04 de jul 2020. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emais/esposa-de-fabio-porchat-aparece-pelada-em-live-do-humorista-com-guilherme-boulos/>. Acesso em: 28 de mar 2023.

GOVERNO edita decreto e proíbe caminhada e ciclistas em praias e parques. Diário de Pernambuco. Pernambuco. 03 de mar. 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/06/governo-edita-decreto-e-proibe-caminhada-e-ciclistas-em-praias-e-parqu.html>. Acesso em: 08 de mar. 2022.

GUSMÃO JR, Amiraldo M. A experiência do Apocalipse. Disponível em: http://nemed.he.com.br/projetopandora/wp-content/uploads/2020/07/A-Experi%C3%AAncia-do-Apocalipse.pdf. Acesso em: 23 de fev. 2023

JUNIOR, Jose Lucio Nascimento. A HISTÓRIA DA CIDADE E O ISOLAMENTO SOCIAL: reflexões sobre a formação do arquiteto-urbanista. Revista Augustus, v. 25, n. 51, p 79-96, 2020. Disponível em: https://apl.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/586. Acesso em: 16 de nov. 2021.

LEITÃO, Lúcia. Entra na tua casa: Anotações sobre arquitetura, espaço e subjetividade. In: LEITÃO, L(org.) e AMORIM, L. (org.). A casa nossa de cada dia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. (p.47-69)

LEITÃO, Lúcia. Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de sobrados e mucambos e outros ensaios gilbertianos / Lúcia Leitão. - 2.ed. -Recife: Editora UFPE, 2014.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. Casa e lar: a essência da arquitetura. Arquitextos, São Paulo, ano, v. 3, 2002.Disponível em:

<https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/03.029/746>. Acesso em: 22 de mar 2023.

MURARO, Cauê. Empresário aparece tomando banho durante videoconferência com Bolsonaro, e Paulo Guedes diz: 'Tem um peladão aí'. G1 Globo, São Paulo, 14 de maio 2020. Política. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/14/participante-de-videoconferencia-com-bolsonaro-e-empresarios-aparece-tomando-banho-durante-reuniao.ghtml> Acesso em: 28 de mar 2023.

NOGUEIRA, José Vagner Delmiro. CONHECENDO A ORIGEM DO SARS-COV-2 (COVID 19). Revista Saúde e Meio Ambiente, v. 11, n. 2, p. 115-124, 2020. Disponível em: https://desafioonline.ufms.br/index.php/sameamb/article/view/10321. Acesso em: 13 de dez. 2021.

PERNAMBUCO registra primeira morte por Covid-19. Folha de Pernambuco, Recife, 25 de mar 2020. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/pernambuco-registra-primeira-mortepor-covid-19/134805/>. Acesso em: 14 de set. de 2022.

SILVA, J. M. de C. e; FERREIRA, P. B. S. Os sentidos do morar em três atos: representação, conforto e privacidade. PosFAUUSP, [S. l.], v. 24, n. 44, p. 68-87, 2017. DOI: 10.11606/issn.2317-2762.v24i44p68-87. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/118341. Acesso em: 31 jan. 2023.

SOUZA, Maria Angela de Almeida; DINIZ, Fabiano da Rocha; CAVALCANTI, Eugênia Giovanna Simões Inácio. Das pestes do século XVII à Pandemia do século XXI no Recife: Regulamentações da vida urbana e desafios ao direito à cidade. Rio de Janeiro: Revista de Direito da Cidade, vol. 13 , 2021.

SOUZA, Rita de Cassia Gurjão de. Entre duas cidades: sociabilidade e pertencimentos dos imigrantes de lagoa seca na feira central de Campina Grande. 2019. TCC - Curso de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento UNIFACISA. Campina Grande, 2019.

SOUZA, Wayner Vieira de et al. Cem dias de COVID-19 em Pernambuco, Brasil: a epidemiologia em contexto histórico. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/9fftqsXHZwBPhCZs6jf448q/?format=html&lang=pt. >
Acesso em: 12 de dez. 2021.

Apêndices

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
Resolução n° 466/2012 - Conselho Nacional de Saúde

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado, referente a pesquisa para a elaboração do trabalho de conclusão de curso intitulado **"Na casa que vivo: um olhar sobre o impacto do home office em tempos de pandemia"**, desenvolvido por Fernanda Kelly de Oliveira dos Santos.

Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada por Dayse Luckwü, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é analisar como o espaço da casa passou a atender às novas demandas que surgiram a partir da pandemia e do isolamento social, com foco na atividade do trabalho, onde buscamos identificar quais mudanças foram feitas para inserir esse novo uso.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou seu orientador.

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa/programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Recife, 06 de agosto de 2022

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do(a) pesquisador(a):

Assinatura do(a) testemunha:

Apêndice B

Questionário da entrevista:

1. Qual sua idade?

2. Trabalha em escola particular ou pública?

3. escola de recife ou jaboatão?

4. Em qual ensino você atua? (ensino fundamental 1, ensino fundamental 2)

5. A quanto tempo trabalha na área?

6. O que é sua casa para você?

7. O que a casa representou para você nesse tempo de pandemia?

8. O que o trabalho representou para você na pandemia?

9. Quantos cômodos tem em sua casa?

10. Quantas pessoas moram com você?

11. Já havia um espaço para trabalhar na casa? Esse espaço já havia sido utilizado?

12. O que precisou ser repensado na casa em função da pandemia?

13. Existiu dificuldade em estabelecer limite entre casa e trabalho?

14. Sentiu que houve perda de privacidade da sua casa por conta do novo uso?

15. Houve mudanças na sua produtividade nas atividades do trabalho?

16. Sentiu que o ambiente influenciou nas suas atividades do trabalho? (ele ajudou ou prejudicou)

17. Outras pessoas da sua casa também tiveram que trabalhar em casa nesse período? (Caso a resposta anterior for positiva, precisou dividir seu espaço de trabalho com outra pessoa?)

18. Quais mudanças na sua rotina com a casa você percebeu ao trabalhar em casa?

19. Cite 3 coisas que gostou por ter que trabalhar em casa;

20. Cite 3 coisas que não lhe agradou por ter que trabalhar em casa;

21. Das mudanças ocorridas em seu lar, alguma ainda permanece?

22. Se possível, tire uma foto do que representa a maior mudança em sua casa em função da pandemia, pode ser algo que mudou em relação ao trabalho ou não necessariamente. (1 ou 2 imagens)

APÊNDICE C - PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Dados pessoais			Renda		Moradia Atual		Trabalho					
Cidade que mora	Pseudônimo	Idade	Baixa	Média	Casa	Apto.	Perfil da casa	Hab. por domicílio	Ensino que atua	Tempo de atuação	Escola pública	Escola particular
Jaboatão	Marta	58		x		x	Sala, cozinha, banheiro e 2 quartos	4	1	25 anos	x	x
	Mônica	48		x	x		Sala, cozinha, banheiro e 2 quartos	6	1	20 anos		x
	Gisele	40		x	x		Sala, cozinha, 2 banheiros, 3 quartos, jardim e quintal	5	1	15 anos		x
	Luísa	50		x	x		Sala, cozinha, 2 banheiros, 4 quartos, terraço, jardim e quintal	4	1	30 anos		x
	Ingrid	25	x		x		Sala, cozinha, banheiro, 3 quartos, terraço, quintal, área de serviço	4	2	5 anos		x
	Fábio	44		x		x	Sala, cozinha, banheiro social, 2 quartos, 1 suíte e varanda	3	2	22 anos	x	
	Jéssica	52		x		x	Sala, cozinha, banheiro social, 1 quarto, 1 suíte e varanda	Reside sozinha	2	30 anos	x	

Recife	Davi	45		x		x	Sala, cozinha, 2 quartos, 1 suíte, banheiro social e varanda	4	2	18 anos	x	
	Maria	25	x		x		Sala, cozinha, banheiro e 2 quartos	6	2	3 anos		x
	Antônio	46		x		x	Sala, cozinha, banheiro social, 2 quartos, 1 suíte e varanda	4	2	17 anos	x	x
Olinda	Júlia	32		x		x	Sala, cozinha, banheiro e 3 quartos	Reside sozinha	2	11 anos	x	
Total	11		2	9	5	6					6	7